

E-book

As cinquenta crônicas de Ed

www.edramos.prosaeverso.net

Crônicas

O Craque e o Crack

Do alto do Morro, avistávamos do outro lado do rio os três campos de várzea que nos proporcionava todas as tardes da semana belas jogadas improvisadas. Era uma rivalidade sadia, pois os anfitriões também eram jovens da periferia que sonhavam com a carreira de jogador de futebol. Ora vencíamos, ora éramos derrotados, porém, o objetivo era realizado, pois havia arte naqueles momentos de paz.

Entretanto, houve um belo dia em que o cal foi substituído por marcações de barbantes no interior do campo. Era o início da construção de uma nova comunidade que invadira o nosso espaço, o nosso único lazer, de forma opressora. Alguns malandros vendiam lotes no interior e ao redor do campo de futebol. Uma semana depois surgiam seres vindos de vários lugares a suspender paredes desniveladas nas posses doadas pelo governador que admitia as invasões por todo o Estado do Rio de Janeiro.

A densidade demográfica aumentara naquele quadrado que antes suportava apenas vinte e dois peladeiros e quebrada as regras, centenas de indivíduos habitavam o lugar das insinuantes apresentações dos artistas da bola. Titulados cidadãos eram donos dos votos falados e fomentavam a sede dos empreiteiros disfarçados de homens públicos.

Passaram-se algumas décadas e aquela fábrica de “craque” fora transformada em fábrica de “crack”, aonde a disputa não é mais a pelota, é o cargo de gerência da empresa terceirizada pelo poder patológico. Ouço estampidos de fuzis todas as noites que me assento ao lado da cama do meu mestre pai que não é capaz de escutá-los, mas vê o meu semblante cansado de tantas aclamações para que um dia volte a nascer do outro lado do rio, gramas no lugar das pedras cristalizadas.

Dança Contemporânea

Um corpo quase nu na escuridão a se mover no teatro me chamou a atenção. Era uma dança moderna a me fazer deleitar com cada passo dedilhado no solo brilhoso que refletia a beleza invertida da arte.

Os movimentos dos braços alongados no ritmo da canção a comandar os passos delicados que não se repetiam era o código de uma mensagem a ser decifrada pelos que os assistem.

A gentileza do dançar estava a me encantar a cada instante e meus olhos lacrimejaram levemente quando a última nota musical se encerrou no tempo exato da plantada dos borrados pés descalços e este momento epifânico me fez passar a observar o mundo dançar através das plantas, dos animais, dos objetos comandados pelo vento e até mesmo pela força do meu pensamento.

A dança contemporânea é como um poema que sua análise semiótica leva ao mundo das diversas interpretações ao ver a um corpo quase despido a se mover sobre um espelho maciço.

E graças à vanguarda americana, uma dama do século passado nos ensinou a dança contemporânea, portanto, nossas academias e universidades se renderam a esta arte.

Digo, pois, que não importa o espaço onde o corpo esteja a flutuar, pois haverá beleza sobre uma passarela de pedestre, sob um viaduto, na ressacada, na laje da favela, numa praça abandonada e em outros locais mais. O som da natureza dará o ritmo ao fenômeno que é transformar o lugar.

Poderia então intertextualizar uma frase de Mário Quintana ao invertê-la a dizer:

"Não sei fazer um poema. A minha maneira de escrever é dançar".

Ela, a minha cadela.

Ela seguia meus passos naquela noite chuvosa e não tive coragem de deixá-la do lado de fora.

Lica foi o nome escolhido para a cadela que substituiria Meg, a encantadora Meg.

Seu corpo, enlameado pelo tempo, denunciava a necessidade que eu tinha de adotá-la. Seus pelos acinzentados cobriam seus olhos avermelhados pelo sofrimento de vida de cachorro, um ser irracional, que pelo seu instinto demonstrava o sexto sentido tão desejado pelo homem.

Lica aos poucos se tornou o xodó da casa e recebia de toda a família o carinho e respeito, pois descobrimos que uma de suas sensações eram como uma das nossas, a ansiedade, e a nossa chegada a deixava saltitante e até mesmo emocionada.

Eu achava engraçado a sua tentativa de espantar os pássaros que tentavam alcançar o seu delicioso pote de ração localizado sob a pequena árvore do quintal que a sombreava nas tardes quentes de verão.

E num desses dias surgiu em seu território um gato a consumir seu precioso alimento e quando percebi a presença daquele intruso sujo e maltratado, o expulsei a chineladas a cobrar um ínsito natural de Lica que somente observara a cena mansamente.

O animal não desistia e a cada dia que eu o expulsava, percebia o seu corpo mais esquelético e tentava entender a reação daquela que tinha o papel de enxotá-lo.

Resolvi então deixar a natureza animal resolver o problema e assisti à cachorra quando compartilhava com o gato a sua comida, e depois a sua água, e depois a sua cama, e depois o nosso afeto.

" Alguns animais são mais solidários que os homens e seus sentidos aguçados superam a irracionalidade a mostrar que somos apenas intelectos, com poucas possibilidades de se comover com o sofrimento do outro"

O Sapeco do Vô Pico

Resolvi passar minhas férias no interior leste de Minas Gerais, Zona da Mata, município de Carangola. Desta vez, nós, Vô Pico e Vô Lice, resolvemos levar a tiracolo o pequeno Asaph, nosso neto de apenas dois anos de idade que deixa todos perplexo tal a sua hiperatividade e sagacidade, porém não consegue falar corretamente. Sua linguagem é uma mistura de idiomas, pois o seu tablet lhe fornece animados desenhos internacionais que ele mesmo administra com seus dedinhos nervosos a riscar a tela como se fosse um blogueiro calejado.

É difícil acreditar que haja uma espécie tão pequenina a fazer peripécias vinte e quatro horas, entretanto tivemos a ideia de levá-lo a um passeio na roça localizada no Córrego da Mata. O moleque quando desceu do automóvel que nos conduzia saiu despinguelado atrás do lagarto que se escondeu atrás do pé de eucalipto. As vacas quando o viram o cumprimentaram com uma sinfonia de mugidos e o danadinho repetia o som a englobá-lo em seu pobre vocabulário e toda vez que se tentava adverti-lo, ele mugia a nos enfrentar:

-Mummmmm

Imitava os pássaros canoros e ficou encantado com o canto das cigarras e já recebeu de sua Vô a primeira crendice popular:

- Meu filho, a cigarra quando canta está chamando o sol.

O garoto deve ter ficado confuso, pois fazia tanto calor, o sol estava tão quente atravessando as frestas dos galhos das árvores que a culpa estava a ser atrelada ao macho que descaradamente somente tentava atrair a fêmea para o acasalamento.

Asaph se divertia e no único segundo de nossa distração desapareceu e nos levou a loucura a procurá-lo e quando o localizamos, o pimentinha estava distribuindo miolos do seu pedaço de pão as galinhas sob o olhar do galo índio que se ofuscou a observar a coragem daquele filhote humano que invadiu seu território entoando o som emitido pelo touro da fazenda.

Estava na hora de voltar para a casa da cidade e o táxi estava a nos esperar quando o chamamos para entrar no veículo, o pivete se jogou em meu colo e o meu olfato alcaguetou o seu ponto fraco a iniciar o rotineiro tormento:

- Asaph, você fez cocô na calça?

- Não fez.

Respondia com toda a convicção.

E os insistentes questionamentos o deixavam irritado. Desta vez, o menino estava dizendo a verdade e talvez tenha se libertado do pesadelo que o oprimia, pois mostrava a sua sandália borrada de tática de galinha devido a sua divertida aventura contemplada pela natureza, um verdadeiro privilégio.

Segundo Freud, "A história do homem é a história da sua repressão."

Os Cabelos Brancos do Vovô Pico

O pequeno Dudu, assim que aprendeu a andar, batia na porta do quarto do Vovô Pico todas as manhãs. Vovó Alice abria a porta e ele se jogava na cama.

Certo dia Vovó pintava, na sala, os cabelos do Vovô com a cor fortemente preta para que seu marido ficasse mais jovem.

Dudu corria pelo quintal e começou a sentir um cheiro forte de tinta e quando entrou em casa teve uma grande surpresa:

Havia um homem de cabelos negros e esticados sentado na cadeira do Vovô.

Dudu começou a chorar:

- Eu quero meu Vovô Pico!

E a Vovó dizia:

- Este é o seu avô.

- Não! Não! Não é!

E continuava o choro da menino até que o homem resolveu ir embora.

Vovô Pico teve uma grande ideia e resolveu ir ao salão para raspar sua cabeça.

Ao voltar careca, assim que abriu o portão chamou:

- Dudu

E logo veio aquela criança correndo em sua direção e parou no meio do caminho e falou:

- Ele não é o Vovô Pico

- Buaá! Buaaaaá!

E todos os dias havia essa choradeira até que um dia, quando Vovô Pico chegava do trabalho, Dudu correu em sua direção e pulou em seu colo esticando seus braços para alcançar seus cabelos brancos e fazer cafuné e a gritar:

- Vovô Pico, Vovô Pico!

Imagine

Fico a Imaginar Se Não Houvesse o Natal.

Há tantos séculos o mundo comemora o Natal.

Independente da cultura, o homem se rende a esta data para se ajuntar aos seus e abraçá-los com tamanha fraternidade como se a noite fosse encantada, tal é a energia do amor em nossos lares.

Eu fico a imaginar se não houvesse o Natal!

Não haveria aquela árvore enfeitada repleta de presentes e de luz que simboliza o ar, o oxigênio que respiramos. Os presentes exprimem a confraternização dos nossos irmãos e a luz representa o sinal de Jesus.

Sem o Natal não haveria cantatas pelo mundo a fora a celebrar a chegada do Nosso Salvador, não existiria a alegria no rosto de uma criança a receber qualquer que seja uma simples lembrança.

O Natal é a único fato social que comemoramos desde as suas vésperas devido à expectativa da grande ceia, uma ceia diferente que denota a vida, a qual representa o banquete eterno e a união da família.

Imagine se você não fizesse aniversário, talvez não se pudesse saber a sua idade e como saberíamos a idade de Jesus Cristo?

Imagine se não houvesse o Natal!

Sem o Natal eu não ouviria a voz macia dos bambinos vestidos de anjo a louvar a Deus

Não, não dá para imaginar um Dezembro sem uma vestimenta nova e também é impossível imaginar a não presença do velhinho tão generoso nas doces mentes inocentes dos nossos pequeninos.

Não, não dá para imaginar o céu sem o brilho das muitas estrelas coloridas a explodir anunciando o natalício de Jesus.

Se não houvesse o Natal não seríamos irmãos, pois esta festa expressa a comemoração do nascimento do nosso Deus personificado, que veio ao mundo para nos salvar e desde o dia em que nasceu e foi colocado naquela humilde manjedoura.

" Ele nos alimenta como o Manjar Celestial".

Enfim, só se comemora o aniversário daquele que vive e se não houvesse o Natal, haveria a certeza da morte de Cristo. Contudo ele está vivo entre nós a

nos contemplar na Noite de Natal e a nos dizer:

“Não tenham medo. Estou trazendo boas-novas de grande alegria para vocês,
que são para todo o povo.”

A Retórica e a Coação

Qual a diferença entre Mente Armada e Mão Armada?

A mente armada se utiliza da retórica, arte de persuadir, que no século XVI foi a principal característica do movimento barroco para comover o povo a aceitar a imposição da Igreja. Coage a vítima a participar indiretamente dos seus planos. Uma arte magnífica que conquista a confiança daquele que está prestes a entregar em mãos todos os seus bens em troca da prosperidade. Uma venda cobre os olhos da desconfiança e passo a passo a presa vai se tornando mais fácil. Créditos são depositados em sua mente e a expectativa da chegada do grande dia é intensa para ambos. Zeros que seriam acrescentados à direita são transformados em pelotão à esquerda, é a falência do surdo.

A mão armada se utiliza da pistola e covardemente impõe uma submissão ao cidadão trabalhador, dono de propriedade conquistada com o suor da batalha diária. Há um momento de tensão, uma rápida investida que resulta da perda imediata dos bens. Os olhos estão atentos a cada ação daqueles que não conseguem viver conivente com as regras, que vivem às margens da sociedade. Uma simples reação pode se transformar em tragédia e zeros não significariam mais, é a derrota do inocente.

Uma coisa é comum. As armas contêm a mesma finalidade, a destruição do sonho do trabalhador que fora ludibriado ou envergonhado. Não existe diferença entre os dois crimes, ambos destroem expectativas e a sentença desta proposição é única e verdadeira.

“Há duas coisas que o SENHOR Deus detesta: que o inocente seja condenado e que o culpado seja declarado inocente.” Provérbios 17:15.

Os Caçadores de Sorte dos Anos 80

Bichão e Manduba haviam acabado de conhecer duas minas, Michele e Taíza, e foram convidados a uma festa no Morro . Era aniversário do dono da Boca, irmão da garota do Bichão.

O “Baile Charme” era a febre dos ouvidos da rapaziada que com sua cultura negra apresentava na rua os seus deslizares arrebatando a “Boca do Balão”. No quintal da casa do “Homem” havia um festival de cervejas sendo consumidas pelos dois “Caçadores de Minas” que estavam naquele local apenas por ordem do destino, pois tudo era resultado da “Azaração”.

Os dois “Feras” estavam “Numa Nice” e depois de muito “Molhar a Palavra” resolveram ir embora. Já era tarde e suas respectivas companheiras, Michele e Taíza, desceram a rampa para conduzi-los ao “Carango” que Bichão estacionara no pé do Morro.

As portas do “Passat Caidinho” foram deixadas abertas, do modo que não seria necessário se preocupar pela razão do local ser protegido pela “Malandragem” onde tudo era “Limpeza”.

Entretanto, o namorado de Michele levou um susto ao perceber que tinham roubado a sua mais recente aquisição, o “ Rádio Toca-fitas” de mais nova geração que ele havia comprado com muito suor de seus braços. O garanhão trabalhava no “Ferro Velho” de seu pai, um ex-policial aposentado que parecia uma fera de tanto ciúme que tinha da sua filha donzela.

Houve uma indagação:

— Que que é isso! Na minha área não, vou chamar o meu irmão.

E logo chegou um pelotão armado de fuzis e cercou o carro distribuindo em cima do seu capô vários modelos de toca fitas e no meio-fio da rua alguns ladrõezinhos assentados ficavam desesperados com medo da escolha.

Nesse momento passava pelo local Xampa, um playboyzinho amigo da dupla que chegou ao ouvido do Manduba e disse baixinho:

— Eu estava passando, vi o carro do Bichão aberto e guardei o rádio na mala.

— Deixa quieto, Maluco! Senão “Vai Dá Rúim”.

Bichão leu os lábios de Manduba e escolheu o mais sofisticado aparelho da estante e viu o gatuno tomar um “Corretivo”.

“ Otário com sorte é malandro duas vezes”

Minha Imaginação!

Chegara o grande dia e o sossego estava a nossa espera. Era uma tarde de sol e o oceano enviava por meio do ar o seu rocio que chegava sem odor ao nosso novo aposento. Pouca era a mobília do apartamento localizado no 4º andar do prédio repleto de convites à ventura. Havia uma cama, uma televisão, um sofá, um fogão e uma geladeira. Nossas roupas foram deixadas no quarto vazio que aguardava os demais móveis que estariam por chegar. Entretanto, o que mais interessava a nós era a mansidão daquele lugar cercado de matas e mar. O gosto da estreia estava por todos os lados: no café, no banho, no jantar, na cama,... Eu poderia ainda listar dezenas de debutes daquele precioso momento que durara algumas horas antes de fecharmos os nossos olhos quase em sintonia.

A noite se tornara testemunha dos dois mais belos sonhos, pois ela nos observava a nos transmitir abanos com sua ventania que balançava os galhos das palmeiras gigantes ao redor do condomínio a nos encolher e a nos fazer envolver.

O sol despertara somente o meu repouso e apresentava as nuvens brancas no claro lindo dia. Meu olhar ficara a mercê das imagens do céu e eu ficava a ver o aglomerado de gotas empurrado pelo vento a se formar em criaturas de minha mente:

Eu assistia a uma carruagem lotada de algodão doce, uma senhora de cabelos carapinhados brancos, um poodle gigante e tantas outras figuras que se desfaziam no ar. Essa fora a resposta da natureza que através de um dos seus adereços, me dizia:

“Quão bela é a sua imaginação”

A Pequena Poetisa

Aí chega uma criança e me diz:

- Vô, eu preciso fazer um poema e não consigo.

Vejo o seu olhar desesperado e digo:

- Meu Amorzinho, você irá conseguir.

E comecei a explicar. Eu teria que começar a fazê-la entender o que significa um poema e disse a ela:

- Um poema é uma mentira, uma ficção, uma coisa que não é real e intertextualizei uma parte do poema de Fernando Pessoa a dizer que:

“O poeta é um fingidor

Finge tão completamente

Que chega a fingir que é dor

A dor que deveras sente”

E também lhe informei o conceito do texto literário, a diferença da realidade para o sentido figurado, aproveitando para lhe apresentar duas figuras de linguagem simples que poderia utilizar: a comparação e a antítese. A pequena Licinha de apenas 12 anos, observava todos os meus dizeres e aproveitei a sua concentração para finalizar a minha didática a fornecer a última orientação e expendi:

- Faz de Conta que a “Lua” está bem próxima de você e que você quer exaltá-la, converse com a lua a dizer-lhe palavras gostosas de ouvir, crie uma fantasia e descarregue tudo que você está sentindo neste momento em forma de versos livres e saiba que o público que ler a sua poesia terá interpretações diversas. Isto é o poder da literatura, uma arte que sempre encantou o mundo.

E veja o que saiu:

“A Lua e eu

O teu reflexo é belo
Como a luz do Sol da manhã
A tua imagem me deixa perplexo
Pois nunca vi tanta beleza

É de outro mundo a vontade de tê-la
Suas marcas são tão lindas
Que fico surpreso ao vê-la
Neste dia de lua cheia

A causa da minha felicidade
É teu brilho nessa noite
Não sei de onde veio tanta serenidade
Que hoje vejo em você”

Simplesmente, Duda

Duda bateu em minha porta por volta de meia noite daquele sábado maravilhoso que nos proporcionou um dos melhores momentos de minha vida:

— Vô, a minha mãe está vindo me buscar.

— Mas Duda! Por que você quer ir embora?

— Vô, é que eu estava no celular e quando eu vi a foto da minha mãe, eu senti saudade.

Neste momento, o telefone tocou e minha filha Raisia dizia que fecharia o caixa e logo estaria a caminho.

Tentei dialogar com a minha neta a dizer coisas que poderiam fazê-la mudar de ideia:

— Meu amorzinho, a sua mãe ainda está vindo, porém eu gostaria que ficasse comigo até amanhã e te juro que logo que amanhecer o dia eu te levarei para casa.

— Mas Vô, eu estou com saudade da minha mãe.

Respondeu com lágrimas nos olhos.

— Duda, hoje nós nos divertimos muito no piquenique da Quinta da Boa Vista e o vovô fez todas as suas vontades. Jogamos futebol, o pula-pula ficou o tempo todo a sua disposição e eu pude mais uma vez desfrutar da companhia da mais preciosa criatura.

— Mas Vô, eu estou com saudade da minha mãe.

— Duda, por que então você não dorme cama do vovô?

— Mas Vô, eu estou com saudade da minha mãe.

Ela continuava a responder e suas lágrimas me deixavam com dó daquela pequena menina que encantava o meu coração a me impedir de dizer “não”.

Tentei argumentar a dizer que o nosso bairro estava em estado de alerta, pois vários carros da polícia haviam se espalhado pela redondeza e durante o dia, o exército tinha cercado todas as comunidades e realizado uma operação de cerco e que por este motivo seria muito perigoso o deslocamento de seus pais para a nossa residência que se encontrava em outro município.

Eu esperava mais gotas de choro naquele rostinho rosado e copiado da bisca Tontonha daquela criança de apenas 8 anos de idade acompanhadas da repetida resposta, “Vô, estou com saudade da minha mãe”, entretanto, ouvi o

mais retórico argumento:

— Vô, presta atenção. Este é mais um motivo para que eu vá em segurança pra minha casa, porque o meu pai vai estar protegido, pois o senhor mesmo está falando que existe vários policiais nas ruas.

Pronto! Não tive mais argumento, fiquei por alguns segundos paralisado a refletir na certeza que aquele pequeno pedaço de gente é capaz de me mostrar que segundo Freud, “A história do homem é a história da sua repressão”.

A Guerra das Britas

Não havia ainda o asfalto naquele modesto bairro da Baixada Fluminense. Eu e minha irmã éramos muito crianças e a diferença de idade era de apenas um ano. Um fato acontecia todas as tardes ao retornarmos da casa da explicadora, levávamos pedradas da menina Lúcia, uma pobre criatura que cuidava dos três irmãos menores e carregava sempre em seus braços o pequeno de fraldas, Tundeco.

Tínhamos que passar em disparada para que diminuísse a quantidade de pedras a nos atingir e protegíamos as nossas cabeças com os cadernos encapados que ficavam marcados de britas, mas não contávamos nada para D. Luíza, uma mineirinha arretada que poderia nos punir ao pensar que nós fôssemos as iniciadoras da rincha.

A mira da pequena Lúcia era eficiente, parecia que a atrevida vizinha praticava tiro ao alvo com o formato de nossas moleiras todos os dias, pois era impressionante a forma dela nos atingir. Quando em velocidade percorríamos o trajeto de casa, Tundeco era colocado imediatamente na calçada e as saraivadas voavam em nossa direção.

Contudo, um dia aquilo tinha que acabar e arquitetei um plano dantesco para acabar de vez com aquele desassossego. Havia uma pilha de pedras frente à varanda de nossa casa que nosso pai acabara de comprar para continuidade da construção e que também servia de escada para que escalássemos o muro a avistar as pessoas a passar. Logo descobrimos que toda manhã bem cedinho antes de irmos para a escola, Lúcia vinha com Tundeco pendurado em seus braços comprar pão na padaria sob o olhar dos outros irmãos, Bicoca e Zela, que sobre o monte natural de pedregulhos da rua aguardavam a bisnaga quente que acabara de sair do forno para ser dividida e consumida.

À noite, Silvana me alertava e chorava amedrontada:

- Não vai dar certo.

Eu procurava acalmá-la e dizia:

- Essa história tem que acabar amanhã, eu não aguento mais esta situação.

O dia amanheceu e a tocaia estava pronta. Subi no monte e protegida pela barricada, recebi as munições de minha irmãzinha que exagerou na

escolha do tamanho da pedra e assim que avistei Lúcia do outro lado da via, preparei o tiro fatal e arremessei precisamente a pedra que mal cabia em minhas mãos a atingir em cheio o braço de Lúcia o fazendo amolecer a deixar Tundeco cair sobre a poeira que amorteceu sua queda e o que vimos foi descerem do morro os demais companheiros, Bicoça e Zela, em disparada, acompanhados de um arsenal de pedregulhos a atacar nossa residência.

Seu Júlio saiu sobressaltado e de arma em punho e quando viu que era uma brincadeira de crianças, aliviou suas dores a distribuir ardentes chineladas nas suas princesas que haviam sido as precursoras da “Guerra das Britas”.

“...e não devemos fazer justiça pelas nossas próprias mãos.”

Edison com "i"

Não houve a oportunidade para aquele menino o acesso à leitura da "Cartilha da Infância, edição de 1929", mas existiu a vontade de aprender através dos cartazes, faixas e jornais o básico para seguir a vida repleta de batalhas pela sobrevivência.

Quando adulto, teve a sabedoria de adquirir em suaves prestações a coleção completa de Monteiro Lobato, "O Sítio do Pica-pau Amarelo", para que seus filhos tivessem o hábito da leitura. Edison com "i" correspondia a todos quando o assunto era mitologia grega, pois consultava o dicionário cada vez que lia um capítulo da obra e esse hábito de pesquisar o transformou em um cidadão autodidata com a capacidade de aprender tudo.

O Aurélio sempre foi seu fiel companheiro e hoje entendo a relevância da sua presença ao lado da sua cama. Palavras rebuscadas jogadas em sua direção são decifradas e armazenadas naquela parede que se transforma em um estranho quadro, porém, uma arte feita pela mão destra de Edison com "i", prestes a completar 88 anos.

Uma caligrafia elegante traça os detalhes da obra a chamar a atenção da criticidade e quando há o questionamento sobre porquê do projetar na parede, Edison com "i" responde:

- É para que não sumam da minha mente estes preciosos vocábulos.

E a cada dia ele se enche de motivos para viver, pois é grande a vontade de continuar a aprender a linguagem prescritiva, norma culta. O dicionário personifica-se ao observar suas noites e seus dias e quando alguém fala uma barbaridade, ele corrige e utiliza-se da mais linda metáfora: "Eu sou um fiscal da palavra".

“Bem-aventurado o homem que acha a sabedoria, e a pessoa que encontra o entendimento” Provérbios 3:13

Gorjeta

Estamos diante de um fato social patológico, a corrupção. Inúmeros poderosos empresários estão a fornecer delações tão espontâneas quão os aportes dados aos representantes nossos no governo. Sem nenhuma vergonha são expostos diante da justiça a entregar nomes e valores que para a população chegam a ser considerados absurdos.

Este fato nunca foi novidade para ninguém, a corrupção está entranhada no ser humano, salvo aqueles que por questões morais escolhem a opção de não colaborar com a proliferação da doença e buscam a integridade como filosofia de vida.

Então vamos fazer uma reflexão e uma conta dos valores que nos levam a pensar sobre o montante de dinheiro arrecadado pelos extorquistas da nação:

No baixo nível de corrompimento, um passageiro de um ônibus aceita pagar apenas vinte por cento do valor da passagem ao pular a roleta e o funcionário da viação recebe a propina para beneficiar aquele que teve a vantagem de oitenta por cento do valor do bilhete. Este proveito é muito maior para os que pagam a propina, pois seus benefícios serão vezes maiores com o que foi gasto. No alto nível, somado a quantidade de chances dadas aos personagens da falcatura multiplicada pelo número de simpatizantes empreiteiros versos os milhões declarados na mídia, teremos ultrapassada a casa dos bilhões.

É necessário que entendamos a situação real do fato a saber que todos os acusados devem pagar pelo crime e os preciosos alcaguetes devem devolver todo o montante do capital adquirido ilicitamente, que haja transparência nas investigações sobre os benefícios recebidos do governo. A porcentagem maior ficou para os caras de pau que aparecem na tela ludibriando o povo a vestir uma figura hipócrita de arrependimento alimentada pela organização que poderá comer do seu próprio veneno.

A medida da corrupção é como o armazenamento dos bytes, começou com kilo e chegou-se ao peta, numa velocidade gradativa como a dos ladrões que expandiram suas contas em volumes redundantes administrados por consultores "Home Office".

A Capacidade de Viver

Toda vez que vou a Paraty, eu encontro o casal de idosos que me leva a pensar o quão bom é o amor perene. Ele, um sujeito como um malandro carioca contador de causos, Ela, uma nobre bela escritora. Talvez haja uma identificação com o par devido a essas aptidões tão ligadas a mim, mas o que mais me chamou a atenção é imagem dos cônjuges a andejar todos os dias entre os verdes do Portal das Artes a caminho do Centro da Cidade.

Hoje eu observei o elegante andar da dama a comandar os passos do bailador que a protegera com sua ginga a ser vendido na beira da estrada, é a forma de conduzi-la nobremente.

Um restaurante sobre as pedras os esperava e a água do mar invadiu o cais. A chuva estava a cair demasiadamente a enfeitar suas mentes, donas da mais bela miragem. Havia pedregulhos ao fundo dos espelhos de bela moldura e os peixes visitavam as ruas a embelezar o mundo deles. Ruas que refletiam as estrelas de diversas grandezas, a que abrihantava o dia dele, a que aquecia os livretos da mesa e a que caía a trazer coisas do acaso. O deguste do robalo foi acompanhado de um delicioso vinho que literalmente beneficiava os seus corações e ao chegar do vento lento, marido e mulher voltaram para casa no mesmo trajeto e com o mesmo cuidado recíproco. A lua desfazia o cenário da mais bela pintura a levar de volta a água do mar e refrescava mais uma vez o aconchegante ninho dos passarinhos que cantavam seus causos e suas poesias.

A Borboleta Azul e Preta

Cheguei ao Recanto das Borboletas e pousei-me à beirada da cachoeira onde as mariposas encantavam o ar. Observei cores peculiares impossíveis de serem decifradas, pois a natureza cuidara de pintá-las e como uma visão 3D, a cada ângulo se via suas cores sendo alteradas.

Uma borboleta azul e preta era a que mais me chamava atenção, pois sobrevoava em minha volta como se desenhasse uma auréola sobre minha cabeça me inocentando de todos os meus delitos. Sentia-me em um paraíso pela sensação de liberdade e o som das águas espumadas criava o ritmo instrumental que induzia os metamórficos invertebrados a se exibirem.

Uma pequenina piscina de lentas águas correntes formada pelo desvio das ondas me convidava a um banho gelado e a um relaxamento espontâneo aos quais meus ossos sofreriam o efeito borboleta.

Mergulhei lentamente adentro e ao emergir senti o ápice do prazer sinestésico pela aquela natural mistura de cheiro de mato com o gosto de estar sendo usado pela natureza, era ela me seduzindo. Entretanto eu havia provocado um pequeno acidente ao mergulhar. A borboleta azul e preta tocara suas asas na água e como um barco naufragado com suas velas tombadas na planície do mar, perdia o rumo e estagnara-se sobre as águas serenas. Demorei a perceber o sofrimento do ser que pedia por socorro silenciosamente. Ao sair da piscina, avistei a borboleta azul e preta se despedindo da mãe natureza e mais que depressa, pus-me a retirá-la cuidadosamente das águas e a coloquei na pedra para que o sol pudesse restaurá-la. Em meus dedos, um pó misturado à umidade os marcava com uma rinsagem que assinaria digitalmente o meu nome naquele lugar que testemunhou o voo milagroso da borboleta azul e preta a qual se juntou novamente ao bando das mariposas do recanto.

Ao retornar para casa, imaginei encontrar pelo caminho a borboleta azul e preta, mas entendi que o recanto é como o refúgio, lugar onde é dada uma segunda oportunidade àquele que mata o sonho. E o luso poeta diria:

“Matar o sonho é matarmo-nos. É mutilar a nossa alma. O sonho é o que temos de realmente nosso, de impenetravelmente e inexpugnavelmente nosso.”

O Velódromo e o Hospital

Um presente sagrado, o grande elefante branco, a vir do norte da Europa, que deve ser cuidado para que seu pelo seja sempre impecável. Sua textura deve ser conservada em baixa temperatura que faz com que o orçamento de seu possuinte seja em torno de milhões de reais. Do outro lado há um elefante negro nascido nos braços do povo fluminense que tomou posse do mais socorrista da baixada.

Enquanto o animal sagrado é desprezado pelos seus adestradores, que se importam apenas em mantê-lo vivo, o outro é lotado de descasos dos casos. O Elefante negro necessita de ajuda, suas orelhas não abanam mais, todavia, sinalizam o pedido de socorro, ignorado pela união, pelo estado e pela cidade. Sua penugem fede a sangue pisado, empoeirada pela ausência das escovas e seu estado é tão precário quão a cela da prisão do magnata.

O elefante branco não pede socorro. Solitário, ele permanece intacto, refrigerado pelos cofres licitados dos caçadores de marfins. Sua tromba emite sons para os outros animais gigantes alvos como a neve, sons desconhecidos e imperceptíveis. Seu olfato é capaz de sentir a distância da multidão que não mais o abraçará.

O elefante negro pede socorro. Lotado, ele padece aos poucos. O calor aquece todo o seu organismo a fazer com que os resultados de suas ações sejam não conformes. Sua aparência é de morte diagnosticada como falência completa dos órgãos.

É vital a morte do elefante branco e a vida do elefante negro.

Dança Contemporânea

Um corpo quase nu na escuridão a se mover no teatro me chamou a atenção. Era uma dança moderna a me fazer deleitar com cada passo dedilhado no solo brilhoso que refletia a beleza invertida da arte.

Os movimentos dos braços alongados no ritmo da canção a comandar os passos delicados que não se repetiam era o código de uma mensagem a ser decifrada pelos que os assistem.

A gentileza do dançar estava a me encantar a cada instante e meus olhos lacrimejaram levemente quando a última nota musical se encerrou no tempo exato da plantada dos borrados pés descalços e este momento epifânico me fez passar a observar o mundo dançar através das plantas, dos animais, dos objetos comandados pelo vento e até mesmo pela força do meu pensamento.

A dança contemporânea é como um poema que sua análise semiótica leva ao mundo das diversas interpretações ao ver a um corpo quase despido a se mover sobre um espelho maciço.

E graças à vanguarda americana, uma dama do século passado nos ensinou a dança contemporânea, portanto, nossas academias e universidades se renderam a esta arte.

Digo, pois, que não importa o espaço onde o corpo esteja a flutuar, pois haverá beleza sobre uma passarela de pedestre, sob um viaduto, na ressacada, na laje da favela, numa praça abandonada e em outros locais mais. O som da natureza dará o ritmo ao fenômeno que é transformar o lugar.

Poderia então intertextualizar uma frase de Mário Quintana ao invertê-la a dizer:

"Não sei fazer um poema. A minha maneira de escrever é dançar".

Os dois benfeitores

Havia dois líderes benfeitores na cidade, um deles conhecia a verdade absoluta das Escrituras e o outro, tinha muito mais poder, todavia, desconhecia a palavra de Deus. Ambos fizeram coisas maravilhosas pela sua comunidade, o cristão cedeu às tentações e foi indiciado pela justiça pelo crime de fraude ao Instituto Nacional de Previdência Social, pois cometeu irregularidades na aplicação de recursos de sua Empresa, deixando de recolher o que era devido aos seus funcionários. Seu patrimônio crescera muito devido ao valor exorbitante do roubo ao Estado. Os seus fiéis seguidores não deixaram de amá-lo quando a bomba estrondou. Lembraram-se apenas dos benefícios maravilhosos do Benfeitor e ignoraram o crime cometido, ou seja, entenderem que aquele que "rouba mas faz" é agradável aos olhos do povo.

O outro benfeitor também roubou e foi condenado pela justiça do homem. Comandava a comunidade inteira e durante o seu mandato, deu aos pobres a oportunidade de prosperar. Conseguiu unir multidões a pedir a sua liberdade. Não tinha conhecimento das palavras sábias do Rei Salomão, dos Salmos de Davi, da paciência de Jó, da conversão de Saulo, dos milagres de Jesus e de tantas metáforas que simplificam o entendimento do verdadeiro amor.

Grande parte da Igreja o condenou veementemente. Não se aceitava a ideia de um membro da Instituição gritar pela sua liberdade, algumas pessoas trocavam farpas com palavras de baixo calão e houve discórdia no templo do Espírito Santo.

O substituto do comandante, democraticamente eleito pelos cristãos, iniciava o processo de limpeza, segundo suas promessas. Era ele o alvo da grande discursão e todos os seus apoiadores o bajulavam na esperança de uma mudança que coerentemente poderia ter acontecido. É desconhecido o desfecho da história, mas é interessante saber o porquê do primeiro benfeitor nunca ter sido preso e até hoje ser idolatrado pelos integrantes da comunidade: A "Cultura Organizacional" impede a reflexão livre dos dogmas religiosos.

Neste caso o que se vê são consequências do mesmo erro utilizando-se pesos e medidas diferenciadas.

O Podre Poder

No dia em que será definido o governante da cidade através do voto popular, levanto-me da cama a pensar em encontrar pessoas deixadas para trás. São participantes da minha vida que o tempo os espalhou pela cidade e uma vez em dois e dois anos cruzam literalmente o meu caminho.

Alguns sujeitos não existem mais, pois foram embora por ordem do destino, como aquele crioulo sarará que cantava e encantava, entretanto eu sempre encontro a minha antiga professora particular, uma linda criatura. As esquinas de bares lotadas pela velha guarda assistem a passarela dos cidadãos oprimidos a votarem no conde vampiro e há sempre alguém convidado a participar das lembranças dos tempos dos campos carecas.

A tecnologia avançada nos impede de sermos ralados, pois há sintética grama espalhada pela cidade, fruto das promessas do vencedor que aguarda da Transilvânia Brasileira, o resultado da nomeação do mandato.

A rapidez do processo de votação aumenta o tempo disponível para que o povo transforme o dia que poderia ser de reflexões democráticas em festa de encontros onde não há hora para acabar, pois o som do DJ é altamente convidativo e somos atraídos pela sonoridade do lirismo da nossa música popular. Um coquetel ao ar livre comemora apenas o matar da saudade e o assunto política é trocado pelo futebol, a verdadeira paixão.

A nossa democracia, uma falsa soberania do povo, não funciona como deveria, pois foi imposta por aqueles que nos defendiam e hoje a utilizam para conquistarem o comando, um poder sem moral.

“ Há esperança de que um dia haverá o depor do podre poder”.

Vinho

O casamento é um processo muito parecido com o da produção do vinho, a qual as melhores uvas são as virtudes individuais do homem e da mulher, o mosto refere-se à unidade da carne, os sulfitos são as defesas do casal, a água morna representa harmonia, a primeira fermentação é o tempo de adaptação onde são visíveis bolhas e espumas, a segunda fermentação em ritmo anaeróbico liberta o casal definitivamente o levando a ter várias mudanças de hábitos, a levedura é o desejo, elemento inflamável que acende o fogo do relacionamento e finalmente a decantação e filtração são consequentemente a separação de tarefas e eliminação de fantasmas.

Jesus fez seu primeiro milagre em uma festa de casamento onde transformou a água em vinho e todo este processo foi feito para que não houvesse constrangimento para o casal e isto prova que Deus prioriza aqueles que o aceitam como vértice principal da união.

Formados

Comemorava-se a conclusão dos cursos de Letras e História e o quintal ornamentado de mesas e flores recebia os convidados da festa. O habitat da “cambacica” mudava seu cenário e a noite cumpria o desejado, um jantar maravilhoso idealizado pela tão orgulhosa matriarca que com sua destreza assumia a culinária. Massas e diversos molhos eram degustados ao som de Evaldo Maroto, Licenciado Professor de História. Vanessa, Licenciada Professora de Inglês, desfilava um chemise que a deixava tão linda como sua trajetória à linha de chegada. Havia uma sintonia entre os comensais, mas um penetra especial invadiu a cozinha americana de Alice a deixando desesperada, pois voava ao redor da bancada apreciando a quantidade de néctar com seus voos rasantes.

- Querido, tira esse pássaro daqui!

-Não, deixe-o.

- Mas como pode um pássaro aqui dentro de casa?

-Amor, deixe-o.

Este pequeno diálogo silenciava o ambiente por alguns segundos e logo se via o pequeno bem-te-vi integrado ao lar. A cada retirada da cozinheira para abastecer a mesa, a cambacica pousava ao lado da pia e recolhia o precioso alimento. Acontecia uma inversão da natureza, o pássaro ouvia o canto do artista que ao adentrar na sala conceito aberto se sentiu lisonjeado com a presença do penetra bom de bico.

- Amor, olha que coisa linda!

A festa continuou e no momento de pausa para o agradecimento, todos regraciavam pela vitória dos formados batendo palmas aos céus. Foi quando o pequeno pássaro amarelo e preto despedia-se da festa após ouvir a oração sobrevoando o seu verdadeiro habitat.

“Observai atentamente as aves” — Mateus 6:26

Os 12 Meninos e o Monge

Durante a Copa do Mundo de Futebol de 2018, o time de futebol "Javali Selvagem" composto por doze atletas e um treinador fora retirado da luz do dia pela cruel força da natureza e colocado na escuridão da caverna Tham Luang.

Houve várias buscas pelos meninos perdidos e a solidariedade dos voluntários mergulhadores fez com que os inventores do futebol os encontrassem. Existiu espanto de um dos meninos quando se anunciou àquele garoto, o único que falava o idioma inglês, que eles eram do Reino Unido, Inglaterra.

Não seria coincidência, é uma força muito superior a qualquer religião, é o amor pelo próximo a se importar pela vida dos que não se conhece e a formar uma corrente de torcedores simbolizada pelo décimo segundo jogador.

A cada dia que se passava dezenas de homens se mobilizavam para o resgate dos campeões e a morte do voluntário que ficou pelo caminho nos mostra que morrer pela vida não é apenas um paradoxo, é a coragem do amor.

E quando foi salvaguardado o último confinado, o mundo inteiro aplaudiu o mundo, pois ainda temos em comum a esperança de que continuemos focados uns nos outros a fim de poder observar o que é necessário para vivermos em harmonia.

O meditar, a oração, a reza, ou qualquer que seja o meio de se chegar a Deus fez com que o monge e os doze meninos suportassem a fome, e os gestos do treinador em acalantar seu escrete e em se abster da comida para que os seus comandados fossem poupados da dor nos leva a refletir o quanto o homem é capaz de se libertar.

Enfim, o sofrimento acabara e voltemos aos jogos finais da Copa do Mundo. Um dos finalistas é o time da Inglaterra, outrora, também responsável pela libertação dos nossos ancestrais e torço para que a taça seja erguida pelo capitão inglês e há uma certeza que os doze meninos e o monge erguerão seus braços a torcer pela vitória dos seus salvadores.

Existe um Lugar

Há uma casinha branca com varanda no Vale das Maritacas, Sul de Minas Gerais. Foi o lugar escolhido para passarmos nossas férias e sua comunidade carente possui a costumeira de esperar ansiosamente o nosso brechó de roupas elegantes da cidade grande. A alegria dos contemplados, homens, mulheres e crianças, fora mostrada nos seus bazofiadados passos em direção ao culto de adoração.

Nossa primeira noite foi agraciada com o suave rumor das águas do riacho ao lado e o gorjeio dos pássaros. O sono era interrompido diariamente pela visita intencional de uma pequena nuvem verde de pássaros tagarelas que pairavam sobre a janela próxima a Banana de Macaco, árvore que sombreava o aconchego. Elas obedeciam à cronometragem de seus cantos confusos e despediam-se dos visitantes com voos acrobáticos e sintonizados que embelezavam o céu rumo à zona da mata.

Não existiam códigos de barra a nos controlar, os satélites não alcançavam as nossas antenas e libertos da sociedade de controle, aproveitávamos cada segundo e o lúdico tomava conta de nossa alma nos levando a voltar no tempo. Corríamos no meio do milharal, disparávamos munições de mamonas nas vacas leiteiras e nos entregávamos à lama barrenta da estrada durante o pique de fuga do touro atizado.

Não havia prisão, não havia punição, não havia crime, era como o ano zero, somente a natureza comandando os nossos passos e a sociedade disciplinar fora substituída pela ordem suprema de Deus. A comunidade era livre do capitalismo, consumiam-se frutos da terra e águas corrente levavam embora apenas cascas e ossos cooperando com a ação sustentável do ambiente. Uma utopia para os moradores das casinhas brancas com varanda, o paradigma do socialismo jamais seria quebrado. Uma vida humilde e rica de valores éticos conquistados com a própria necessidade de sobrevivência, esta era a representação do lugar que resolvemos passar as nossas férias e descobrimos que a simplicidade é o caminho para a desalienação do homem.

Chegou a hora de partirmos e o Vale já nos deixava saudade, a visão panorâmica dos cafezais demoraria a fugir de nossas mentes, mas um paradoxo nos aguardava a fim de voltar a explorar a nossa demência digital e

nos punir pelo irreconhecível.

Enfim, despedimos dos nossos e no percurso de encontro à rodovia, percebemos o bando de maritacas que nos guiava até o asfalto e nos desejava:

- Boa viagem.

À la minuta

Anos 70, o modelo janela do ar-condicionado ajudava a agitar a economia do país e autônomos instaladores faziam parcerias com os empreendedores que vendiam o aparelho casado com a colocação.

Eu, mais uma nova vítima do capitalismo, resolvi aceitar uma proposta de um amigo. Meus hormônios estavam à flor da pele. A busca do prazer de todo adolescente da época era frustrada pela falta de dinheiro e não havia perspectiva de trabalho para aquele adolescente que andava teso como um carapau.

Tuninho dizia que o escopo era abrir buracos nas paredes de um prédio residencial na zona sul da cidade. Surgira a grande oportunidade de poder juntar uma grana para comprar o jeans tão desejado e ingressos para assistir às duplicadas sessões de cinema brasileiro e kung fu.

No dia seguinte acordei bem cedo e embarquei naquele Opala preto com bancos de couro, rodas de magnésio e tocas-fitas Roadstar. O patrão ostentava o seu automóvel a passar voando pelas ruas do bairro a deixar os que seguiam a pé para o caminho da labuta a invejá-lo. E ali estava eu com meu amigo sendo carregado para estrear meus braços a marretar a quadrela que nos aguardava ansiosa para que pudesse ser refrigerada pelo clima antártico.

A vítima de minhas pancadas era um emboço maciço e pude sentir muita dificuldade para concluir minha tarefa enquanto Tuninho com sua prática já havia terminado a sua e me aguardava para almoçar com o chefe que estava a nos esperar no restaurante frente ao local. Depois de muito sofrimento e assistido pelo colega, terminamos a primeira parte e a fome me induziu a desejar dois bifes grossos com batatas fritas e uma jarra de suco de laranja. Foi essa minuta que solicitei ao garçom enquanto os outros degustavam simplesmente o prato feito a me olhar com criticidade.

Ao retornar para o apartamento, a segunda e derradeira parte do serviço foi apenas limpar os cascalhos da obra e sonolento, esperar o profissional em acabamento finalizar e preparar a instalação dos tão sofisticados aparelhos de refrigeração.

Ao término, o patrão nos reuniu para realizar o pagamento e fui o único a

não receber o salário e quando questionei, recebi a resposta:

- Você comeu o prato mais caro do restaurante que ultrapassou o valor do seu dia e infelizmente não tens direito a nada.

Naquele momento percebi que o marinheiro de primeira viagem estava a ver navios, pois pagara um juro muito alto devido ao pecado da gula:

"Porque o beberrão e o comilão caem em pobreza; e a sonolência vestirá de trapos o homem".

Os 7x1

Um rei chamado Thiago encantava o mundo com suas proezas. O poder o colocava no topo das celebridades que ornamentavam o grande festival de todas as nações, um evento estava sendo realizado em seu próprio território. O imperador tinha uma grande importância para os seus comandados, porém um dia foi penalizado pela cúpula da arbitragem que por excesso de arbitrariedade o impediu de dar sequência ao caminho da conquista.

Era o momento de Davi assumir verdadeiramente a posição de comandante na batalha e houve um assédio exagerado àquele que tinha agora a responsabilidade de vencer e decretar sem nenhum melindre o título de melhor do mundo.

Veio então o grande desafio: Um gigante de onze patas estava na Arena postado a sua frente e Davi não percebeu a superioridade do adversário e partiu ao seu encontro totalmente desguarnecido. Deixou vulnerável a sua retaguarda que não pode suportar o contra-ataque de um balaio de peixes lançado em direção ao arqueiro que solitário apenas vigiava.

Era o Fim, uma nação inteira chorava, um gosto amargo do vinho Carraro anunciava a tragédia. O momento da catarse, a purificação da alma nunca foi tão longa: Noventa minutos, sete facadas e uma enorme decepção pela perda do mais desejado troféu de campeão.

Tudo em vão, pois mais tarde fora descoberta uma fraude na escolha do país que iria sediar o grande espetáculo. Sua nação fora vendida e todos os esforços suados dos guerreiros foram apagados e a vergonha da derrota se juntara a desonra dos homens de colarinhos verde e amarelo, que se postam diante dos flashes a se vangloriar a servir um outro rei.

Intertextualidade “A Galinha dos Ovos de Ouro”

Era uma vez um casal que vivia numa cidade maravilhosa. Eles eram conhecidos por serem muito cobiçosos e nunca estarem satisfeitos com nada. Se estava sol, queixavam-se do calor; se estava frio e chuva queixavam-se de viver numa cidade rodeada de turistas pela sua beleza encantada.

Para além do mais, eram capazes de tudo por uma moeda de ouro!

Um dia, um duende brincalhão que por ali passava ouviu o que se comentava na cidade sobre esse casal, e decidiu provar se era verdade tudo aquilo que se dizia sobre eles.

Numa tarde em que o marido corria nos ares da Floresta da Tijuca, o duende apareceu-lhe de dentro do tronco de uma árvore e disse-lhe: “Olá bom homem! Sentes-te bem? Pareces cheio de cansaço... Será que estás com fome ou doente?”

O homem, um pouco assustado com a presença do duende, respondeu: “Não... não estou doente nem cansado, e também não tenho fome... nada de mal se passa comigo. Só estou triste porque eu e a minha mulher somos pobres e não conseguimos ter muitas coisas boas como gostaríamos de ter...”

Então o duende respondeu: “Se não tens fome nem frio nem estás doente, então alegra-te porque não és pobre!”.

Mas o homem insistiu: “Sou sim. Um homem que não tem ouro é pobre!”.

O duende riu-se e respondeu: “Olha que estás enganado. Eu se quiser posso ter todo o ouro do mundo, pois como sou duende sei onde se escondem todos os tesouros. Mas a mim o que me faz falta é a luz do dia, ter o que comer e uma casa quentinha onde possa dormir descansado. Além disso preciso de ter saúde e ser forte para poder caminhar e apreciar tudo o que me rodeia. E como tenho tudo isso sou muito rico e feliz!”

“Disparate!” Disse o homem, e insistiu “Ser pobre quer dizer que não se tem ouro. E como eu não tenho ouro não posso ser feliz”.

“Tenho muita pena de ti homem” disse-lhe o duende “E para que sejas feliz como achas que deves ser, vou dar-te um cargo de poder, vou transformá-lo

em Governador do Estado e terá a visão de uma galinha que todos os dias porá um ovo de ouro. Só terá de esperar e recolher todos os dias um ovo. “Não tarda nada, terá todo o ouro que sempre desejaste ter e tu e a tua mulher serão felizes para sempre”.

Do tronco onde estava o duende saiu uma galinha que cacarejava alegremente. O homem, espantado, colocou-a rapidamente debaixo do braço e desatou a correr ladeiro a abaixo direitinho a casa, enquanto o duende ria às gargalhadas.

Assim que entrou em casa mostrou à sua esposa a galinha e contou-lhe tudo o que tinha acontecido.

Marido e mulher ficaram toda a noite à espera que a galinha pusesse o tão desejado ovo de ouro. De manhã cedo, a galinha começou a cacarejar e, pouco depois, surgiu debaixo dela um enorme e brilhante ovo de ouro!

Ao verem o ovo, o casal ficou radiante, pois nele havia a descrição de projetos sociais e esportivos capazes de lhes darem fortunas, mas minutos depois, a mulher comentou: “Que chatice... teremos de esperar até amanhã para termos outro ovo de ouro!”. Ao que o marido respondeu: “Pois é... que azar. Terão de passar muitas semanas até termos ovos suficientes para sermos os mais ricos da cidade. Devia ser por isso que o duende se ria às gargalhadas quando me deu a galinha”.

Então a mulher lembrou-se: “Sempre ouvi dizer que as galinhas já têm dentro delas todos os ovos que vão pôr... Se isso é verdade, porque é que não matamos agora a galinha e tiramos todos os ovos de ouro de uma vez? Seremos bem mais espertos do que o duende pensa!”.

O homem concordou, e sem hesitar, pegaram na pobre galinha e abriram-na para assim poderem tirar todos os ovos.

Mas qual não foi o espanto do casal ao ver que dentro da galinha não havia nenhum ovo de ouro...

Marido e mulher começaram a praguejar e a chorar, lamentando-se da sua sorte, pois por ganância tinham perdido para sempre a galinha dos ovos de ouro.

Espreitando pela janela, o duende ria-se e abanava a cabeça, pensando

que a verdadeira felicidade não está em ter ou não ouro, mas está sim no coração de cada um.

Carnaval, O Drama

Um dos conceitos do "Carnaval" é: Uma arte formada pelas sete artes. É o drama a ser exibido em um imenso teatro de céu aberto onde o povo se manifesta ao desenrolar da peça.

A arte da literatura que está no samba enredo disputado pelos bambas é a arte da verossimilhança, próxima da realidade, que envia, em entrelinhas, mensagens para a comunidade a respeitar qualquer que seja a cultura.

A dança gingada dos miscigenados é a arte cênica que no ritmo da música representa no tablado de asfalto, sentimentos e história. Os espectadores purificam suas almas através do drama narrado extraordinariamente pelo vozear potente do puxador ou pela voz reluzente da flor. A arte das esculturas tão gigantes embeleza um cenário fascinante e forma uma alegoria na galeria que se movimenta a expor mais uma arte, a pintura, que também está nas nudez das belas criaturas.

A sétima arte, o cinema, transmite para o mundo esta ficção, então, seja qual for a cena, "O mal a vencer o bem" ou o folião a dizer o "Amém", o carnaval é arte das artes, é uma mistura de culturas e raças.

Vidro

No dia anterior, eu assistia "Vidro", terceiro filme de uma trilogia que começou com "Corpo Fechado" e depois "Fragmentado", o que me deixou bastante impressionado. Saí do cinema com a incumbência de melhor entender a mensagem da história.

No dia seguinte, fomos a praia e iniciei o meu dia de super-herói: O homem forte, capaz de carregar cadeiras, cooler e guarda-sol em um só braço a utilizar o outro para oferecer a sua amada que desconfiava daquela brutalidade repentina. Finquei o sombrero na areia da praia a apreciar o vento a empurrar as ondas do mar.

Dona Maria, por várias vezes se refrescava na espumante água salgada enquanto que a sombra do chapéu de sol impedia que a abandonasse. O homem poderoso sequer quis fazer companhia a sua Maria nas cortadas das ondas.

Um descuido!

De repente o guarda-sol voou sobre a minha cabeça a aterrizar sobre um casal que estava a alguns metros de distância e fora entendido que acontecera um simples acidente.

Tentei colocá-lo de volta aos olhos de uma galera e minha força sobrenatural fez com que o cabo quebrasse em minhas mãos, o que fez que Maria se envergonhasse do "Troglodita" que a acompanhava naquele belo lazer.

Saímos do local como se fôssemos voltar para casa e retornamos à praia, em outro lugar, a esquecer do pequeno incidente. Aluguei um novo protetor do sol escaldante e fiquei a pensar nos três personagens da ficção, o cérebro tenebroso, a fera e o justiceiro.

Maria se aproximou a interromper o meu pensamento e quando me apoiei no braço da cadeira para me levantar e oferecer-lhe uma água de coco, acidentalmente, quebrei-o em pedaços.

Talvez eu possuísse mesmo uma força extraordinária e fui mais uma vez comparado a um "Homem da Caverna".

Hoje pela manhã, eu quis me redimir dos pecados e estava a preparar um saboroso café da manhã para Dona Maria quando percebi que havia um prato

de vidro com fubá em cima do fogão, utilizado na noite anterior na preparação do maravilhoso jantar, ao lado do fogo que esquentava a água. Uma parte do meu cognitivo percebeu mas não houve tempo:

- Crash.

O sono de Maria foi despertado e só me restou desta vez o tão esperado pedido de desculpas.

" Não somos inquebráveis, somos de vidros e talvez fragmentados".

O Dolo e a Culpa dos Homens

Toneladas passeiam pelas altas profundezas do mar a se aliviar nos saltos que dão sobre as águas. É a beleza dos mamíferos de enorme fôlego a inspirar o ar e que não são capazes de virar os iates à vela que desfilam na superfície do mar com seus opulentos viajantes, elas apreciam os cascos e não têm a noção do perigo que passam quando o luxo das embarcações dispersa o lixo.

Quando veem as pequeninas criaturas a se equilibrar nas tábuas de fibras, seus olhos se encantam tal a proeza das peripécias dos seres que se divertem apenas, ao contrário dos que repetem a cena de lançarem um montante de plásticos do interior dos navios ornamentados de riqueza a se alimentarem dos polvos, lagostas e outros valiosos crustáceos.

A princípio não se percebe a nocividade do ato, contudo um estômago gigante vai pouco a pouco armazenando o que não se absorve e morre antes de poder pedir socorro aos navegantes que quando deixam de ouvir o som do melão não entendem que cometeram homicídio culposo.

Um corpo mastodôntico da Cachalote a emergir em câmera lenta em direção a praia deixa o mundo assustado com a impunidade. Não se pensa no ecossistema da mesma forma que se pensa em si, cuida-se do corpo humano com se fosse possível retardar a morte, todavia não se zela a natureza.

Uma Baleia morta com quilos de garrafas PET, chinelos, copos e sacos consumidos não sensibiliza o homem que fere dolosamente o meio ambiente.

“ Só quando a última árvore for derrubada, o último peixe for morto e o último rio for poluído é que o homem perceberá que não pode comer dinheiro.”

O Soco da Natureza

Uma obra para inglês ver transforma em desastre fatal o futuro cartão postal da cidade chamado “Legado das Olimpíadas”. Os aproveitadores desafiam a natureza de forma arrogante sem ter o mínimo de conhecimento da sua força, do seu soco mortal. Engenheiros servem de cobaias para serem responsabilizados pela desgraça anunciada, servidores das acusadas empresas de engenharia recebem o mérito da execução rápida do projeto e sentam na cadeira dos réus quando o verdadeiro culpado foi aquele que anunciou para mundo a vitória do direito de sediar os jogos olímpicos.

Parecia que o dia anterior anunciara a primeira tragédia para os poderosos da mídia, o nadador não consegue alcançar o índice dos 50 metros e a água, como fenômeno da natureza, se transforma no gigante Adamastor para socar de baixo para cima dois esportistas amadores os nocauteando mortalmente para que o sensacionalismo tome conta das telonas.

Outras tragédias anunciadas estão distribuídas pelo Rio, pois a pressa, verdadeira inimiga da perfeição, impera na execução das obras que necessitam cumprir o cronograma e deixarão o povo vulnerável.

A rainha “Vitória” estará na garganta dos brasileiros que pagarão o preço da ignorância e o inglês verá mais uma vez o que foi imposto.

“E o Velho do Restelo proferiu palavras sobre o perigo da ganância.”

Como uma Bala Perdida

A passarela às margens do Rio Perequê-Açu era a pista do trotes empinados de Teresa. Ao lado da ponte eu admirava os seus movimentos e a via se distanciar. Sua imagem ficava pequena, todavia eu tinha a certeza da sua volta suada e cansada a aguardando com uma deliciosa água de coco.

Uma noite, após iniciar o seu Cooper, Teresa parou e se interpôs entre uma jovem que carregava em seu colo uma criança e um homem de cabelos grisalhos. A atrevida ninfeta protegida pela "Penha" exagerava um discurso com o pai de seu bebê e lhe lançava grandes ofensas. Em meio as palavras perdidas, a minha experiente companheira recebeu um balaço em suas ventas:

- O que é que a senhora está olhando?
- Não tenha nada pra fazer em casa não?

Teresa não resistiu ao sofrimento da assustada criança e tentou argumentar contra a ignorância de uma mãe irresponsável e a fraqueza emocional de um pai cansado. Foi perda de tempo, pois os dois estavam atordoados pela situação em que viviam e passaram a se agredir quase que fisicamente.

Assustada, a pobre defensora dos fracos e oprimidos desistiu da ideia de apaziguar o casal e voltou caminhando lentamente ao meu encontro. Não havia sede, suor e encanto. Existiam apenas lamentos pelo conceito da família estar se deteriorando. Suas palavras foram perdidas tal qual a palavras gigantes que bateram em seu peito.

No dia seguinte, iniciamos uma caminhada na orla do rio quando cruzamos com a família em harmonioso passeio.

Olhei para minha senhora e usei a expressão idiomática:

“Briga de Marido e Mulher, Ninguém mete a Colher.”

Sou Exótico Também

Sentado diante da mesa do Café Bar eu via as pessoas passarem e comecei a varrer as suas características. Somente dados externos seriam capazes de serem analisados. Eu não poderia imaginar o caráter de cada ser que cruzava com o outro e ignoravam-se pela presença de alguma coisa que da vitrine os chamavam; um vestido, um calçado, uma calça, um eletro ou até mesmo uma cilada.

Inúmeros tipos exóticos chamavam a minha atenção: uma senhora de perna arcada exibia uma calça cenoura; um jovem magro de aproximadamente dois metros de altura, de nariz grande bastante afilado, pescava siri e a tiracolo carregava uma bolsa Gucci; uma garota de cabelos lisos vermelhos lembrava Cyndi Lauper quando cantava irreverentemente um blues; um casal fazia caras e bocas empurrando o carrinho do bebê que sorria das graciosas caretas emitidas pela avó; um japonês obeso segurava as mãos de uma linda mulher e exibia um contraste platônico imposto pela nossa sociedade; o anão que usava um tênis de marca e camiseta estilo “Mamãe Tô Forte” beijava a bela e elegante namorada em frente ao caixa; o atleta aposentado passava sem ser notado; o grupo de escapadas meninas davam risadas do nada; uma mulher solitária procurava apenas artigos para sustentar sua beleza. Eram várias as situações e eu, diante da mesa, esperava alguém.

Olhei-me e vi que eu era um senhor de um metro e noventa e seis de altura de pernas arcadas, que adorava o Blues, que sempre carregava a minha sogra para o Shopping, que casara com uma linda mulher, que usava tênis Puma, um ex-jogador aposentado, um homem que buscava apenas palavras e que também havia dado uma escapada.

"Sou Exótico...".

O Primeiro Voo

Uma ave columbina invadiu a residência de um casal que viajava em lua de mel. Fez um ninho com palhas colhidas do quintal e ao chocar o seu único filhote, preparava-o para o primeiro voo.

Ao lado de fora da casa residia Kira, uma cadela bebê labrador, que destruía tudo que via pela frente e diariamente recebia a visita da empregada com sua dose de ração e água.

Para Kira tudo era novidade: o ronco dos carros, os gritos dos moleques caçadores de pipas, o som das músicas eletrônicas do vizinho, tudo era motivo para que houvesse saltos e latidos.

A rolinha filhote estava atenta ao que o instinto lhe preparava e esperava apenas a oportunidade de saltar e voar apreciando a beleza dos campos, contudo ambas estavam presas na casa.

Ao entardecer Maria surgiu na porta da sala com o kit de limpeza em uma das mãos e a comida na outra, era a hora da faxina, o momento de deixar o ambiente canino limpo e desinfetado. Era também a grande chance do pássaro e quando a porta da rua se abriu, a pequena cria se lançou aos ares a buscar sua liberdade absoluta e desordenadamente caiu. Suas asas não suportaram o seu peso e o mecanismo propulsor falhou a deixando no caminho de Kira que inocentemente a pegou pelas penas e parcialmente a despenou como se fosse uma peteca de criança.

Aos gritos de socorro, Maria conseguiu resgatar da boca da gigante cachorra a pequena columbina assustada, que apesar de estar desfalcada de algumas de suas penas fazia um enorme esforço para se livrar daquele assustador animal. Fora frustrado o seu primeiro e mais importante voo.

As mãos da mulher que a salvara eram macias como se fosse um ninho de plumas e quentes como o afago columbino e a transportou para o jardim da casa para que ela pudesse ali se regenerar, mas ao colocá-la na relva não imaginou o perigo que ela passaria, pois oferecera ao gatuno noturno um delicioso jantar.

O carnívoro animal se aproximava da frágil presa e ao dar o bote fatal, o propulsor abastecido a impeliu para frente com rapidez e elegância proporcionando um lindo voo, admirado por Maria que tentava mais uma vez

salvar aquela avezinha.

Voar é um privilégio para poucos, é necessário força para que possamos sustentar o peso de nossas asas para escapar dos predadores.

A Barata e a Prostituta

Resolvi dar um passeio e ao ver a luz, dei de cara com uma mulher que se maquiava em frente ao espelho e cantarolava em voz baixa monossílabas palavras, se preparando para mais uma rotina profissional durante a noite. Seria mais um dia que eu me arriscaria nesse mundo consumista, mas o ambiente era propenso a minha alimentação e poderia saciar a minha fome.

O ser que se embelezava não percebia a minha presença enquanto eu degustava de seus preciosos pelos caídos pelo chão. Seus saltos ora raspava em minha cabeça, ora se distanciava ao equilibrar aquele corpo escultural frente ao reflexo de seu lindo rosto. De repente um grito agudo estrondoso o colocou em cima da pia e a criatura não parava de esgoelar:

- Uma barata!

- Socorro!

O som do Funk de um dos vizinhos abafava o seu pedido e o sentimento acachapante de medo e ansiedade consumia aquela linda mulher que desperdiçava sua maquiagem nas lágrimas corridas em seu rosto. Eu fiquei observando toda aquela cena por várias horas e vi a dessemelhança entre nós: lembrei que sou imune a radiação, meu sistema nervoso traduz os impulsos elétricos que me dão a informação precisa da direção do ar. Desse modo, sei exatamente para onde escapar de ameaça, minhas antenas captam moléculas de cheiro, passo semanas sem me alimentar e:

-Levei uma Chinelada!

“Em fandango de galinha, barata não se mete.”

Os 10 Mandamentos

Certo homem separou aquele dia para santificar. Lembrava-se do mandamento de Deus que impôs: "Seis dias de trabalho para a realização de toda a tua obra, mas que o sétimo dia seria do Senhor teu Deus". Vestiu o melhor dos seus trajes e partiu com a sua senhora para visitar uma igreja no município vizinho. Entrou e sentou-se próximo a porta de saída, o único lugar disponível.

Era um domingo quente de calor e de adoração, o estilo rococó das músicas o estimulava a bater o seu pé direito marcando os compassos, estava preparado para ouvir a pregação e se encher da unção do espírito. A palavra seria ouvida sem o acompanhamento das escrituras e quando o pregador começou a sua retórica mensagem, bíblias foram oferecidas pelos irmãos e com respeito e educação foi aceita a mais próxima de suas mãos.

Iniciou-se a mensagem e o casal recebia o sermão como um filho aceita os conselhos do pai. Concentrados, o homem e sua esposa faziam petições de livramentos para os seus e pediam perdão aos malfeitores. Durante a pregação ouviam-se alguns gritos de línguas misteriosas e aplausos exagerados, mas o foco era Deus e nada poderia descentralizar aqueles que tinham como único objetivo: a misericórdia.

Ao final da liturgia, uma assembleia de homens de ternos marchou em direção aquele homem de dois metros de altura, aparência cansada, olhar sereno e rosto queimado pelo suor da batalha. O carregaram pelo corredor ornamentado de olhares censores. Só lhe restava então deixar-se ser conduzido para frente do púlpito onde clamores e pedidos de perdão eram destinados aos céus para que pudesse ser salva aquela criatura pecadora. Várias mãos da vozes estrangeiras alcançavam a sua cabeça e uma pergunta foi feita ao silêncio de todo o santuário:

- O senhor quer aceitar Jesus?

E o homem virou-se para todos e respondeu:

- Eu sou cristão.

Os dez mandamentos foram obedecidos:

Ele não roubou, não matou, não cobiçou a mulher do próximo, não adorou imagens, não tomou o nome de Deus em vão, foi fiel ao Senhor, honrou aos

seus pais, não adulterou, não deu falso testemunho e separou aquele dia tão especial para santificar e dedicá-lo ao criador do mundo.

"Não julguem apenas pela aparência, mas façam julgamentos justos".
João 7:24".

O Instinto Animal

O telefone toca: - Amor! Tive um livramento.

- Mas o que aconteceu?

- Sabe aquela casa de marimbondo que tem na nossa garagem.

- Não, eu nem sabia que existia a tal.

E Alice desesperada descrevia:

- Amor! – Eu fui remanejar as madeiras da estante e sem querer futuquei a casa deles.

- Aí eles me atacaram, fiquei encurralada e corri, corri, corri, corri.

- Não exagere

- Amor! Eu juro! – Já chamei o Corpo de Bombeiros e fui informada que o atendimento só pode acontecer à noite.

E descobri que o pânico era real. Tratei de acalmá-la dando-lhe apoio e a certeza de que ao chegar ao lar eu tomaria as providências necessárias para exterminar aquele bando de ferozes insetos. Ao chegar a minha casa fui ao local e lá estava o enxame ao redor da minha relíquia, uma máquina de datilografia dos anos sessenta que eu guardava para decorar um possível espaço do meu escritório. O telefone tocou e uma voz feminina agendava o atendimento de socorro para a noite e solicitava que eu os acompanhasse no processo de eliminação das vespas. À noite, começou o processo de extermínio. Foi utilizada gasolina para atraí-las e o gás CO2 para combatê-las e levá-las ao estado de gelo seco.

Alice, feliz, sugeriu que no dia seguinte eu fizesse uma limpeza no local retirando a estante e todas as miscelâneas que compunha o ambiente. Ela acordou cedo e me induziu a realizar a tarefa. Enquanto eu iniciava o processo, minha esposa se dirigia ao salão de cabeleireiros. Ao desmontar a primeira parte da estante, observei um único sobrevivente vindo em minha direção com suas antenas afiadas preste a me atacar. Desviei do inseto e com um drible de corpo tentei atacá-lo com a chave de fenda. É claro! Não obtive êxito em acertá-lo, porém ele se distanciou da minha presença. Continuei com o trabalho de desmonte e novamente meus instintos me avisaram a presença daquela insistente criatura ao ataque. Mais uma vez consegui desvencilhar do solitário vingador e entendi que sofreria inúmeras picadas como retaliação

ao ataque fulminante a sua espécie.

Eu precisava dar um fim à situação e avistei um sombrero empoeirado entre as bagulho

adas e armei-me contra o adversário insistente que veio ao meu encontro com tanta sede que não percebeu o tamanho da aba daquele chapéu mexicano que me serviu apenas para vencer a “Batalha da Garagem”.

“Quem sabe que o fôlego do homem vai para cima, e que o fôlego dos animais vai para baixo da terra?” Eclesiastes 3:21.

O Ágio da Carne

Eu observava na fila da carne a destreza do açougueiro nos talhos precisos das alcatras, picanhas, chãs e outras especialidades. Era uma verdadeira arte a conclusão do serviço e quando a balança anunciava o valor, o cliente satisfeito não percebia o preço salgado daquele produto que se transformaria em um delicioso prato do dia. O elegante mestre das carnes com o seu traje conforme apresentava um asseio impecável e era o que chamava ainda mais a minha atenção. Não deixava respingar uma gota de sangue naquela veste branca e o seu humor era acompanhado de uma sinfonia de assobios que adentrava em meus ouvidos maviosamente me deixando em paz com a espera. O atendimento aos clientes era finalizado com um caloroso aperto de mão e um sorriso interrompia por alguns momentos o som instrumental do artista.

Foi se aproximando a minha vez e eu já não pensava somente em uma escolha, aproveitaria a oportunidade daquele serviço exemplar e pediria tudo que estaria dentro do meu orçamento. E chegou o grande momento:

- O que o Doutor deseja?
- Eu quero 2 quilos de alcatra, por favor.

O lírico açougueiro imediatamente se dirigiu em direção ao mais vultoso pedaço de alcatra, separou uma parte e a partir do segundo corte começou a talhá-lo criando uma escadaria de belos bifés. Solicitei outras opções e o atendimento continuava impecável.

Ao encerrar os pedidos, o homem juntou toda a minha preciosa mercadoria e a me entregou com a seguinte frase:

- Agora, dá pra deixar dez reais pro seu camarada.

Era a primeira vez que eu ouvia a voz daquele ser que destruiu em apenas alguns segundos a esperança que eu tinha de um dia ver pessoas incorruptíveis.

Infelizmente a nossa cultura foi formada desta maneira e o jeitinho brasileiro nunca irá cessar.

As Invasões

Cavou uns buracos, fincou os tocos e surgiu o seu barraco, pioneiro da nova comunidade que antes era um asilo de velhos. Foram surgindo vizinhos tapando a natureza, deixando-lhe apenas a visão do céu, o que o iluminava, livrava-o.

Os cães ladravam na madrugada pela chegada rumorosa dos consumidores da massa, os gatos espalhados alimentavam a claridade dos becos e na frente da sua maloca uma saideira de estrondoso som.

Horas depois, os raios do sol penetravam pelos orifícios das telhas e despertava nele o sono atrasado. Ouviu ruídos de motor de caveirão, mas eram dragas escavadeiras que invadiam o terreno ao lado e iniciavam a construção de um grande empreendimento. Todos os moradores se aproximaram do local e constataram que naquele lugar surgiria um conjunto de moradias denominado “Condomínio da Pedras”, nome apropriado ao lugar que tinha como origem o nome : “Comunidade Pedra Rasa”.

Passaram-se alguns meses e as paredes de alvenaria davam formato a belas casas e restavam apenas as aquisições. O tempo era paciente e ninguém com poder aquisitivo teve interesse pelo imóvel e a ociosidade do condomínio os convidava a entrar e desfrutar da mais encantadora mansão jogada em suas mãos. Bastava apenas uma convocação e logo alguém determinara que o caminho estivesse livre para o consumo.

Concretizou-se uma invasão comandada pelo desconhecido e carregada pela emoção de sentir o concreto aquecer o seu sono, invadiu.

Não era a realização de um sonho, Helicópteros da Segurança Nacional, Os Caveirões, o Batalhão de Choque, A televisão e os oficiais do poder judiciário cercaram o seu aconchego e ele partiu ...

“Não devemos desejar de forma desordenada o que não se tem, principalmente o que pertence ao próximo. “

O Casamento

Itamambuca era cenário especial de um lindo dia. Reuniam-se Gabriela, seus amigos e cães no encontro do doce Mar dos Surfistas com o salgado Lago da Garças, criando um palco de observadores de soldados quentes e turbinas corajosas expostas ao sol. A praia estava sendo ornamentada por flores silvestres e a curiosidade dos penetras ia evoluindo a cada minuto girado pelo relógio da natureza. A areia combinava com o barroco da literatura do poeta que começava a escrever versos sobre a pequena pororoca. Sua sede era saciada com as geladas leveduras importadas.

Avistava-se o Resort do outro lado do rio onde uma chusma de convidados esperava o remador. Especulavam-se as vestes das mulheres quando se iniciou remadas líricas em direção ao cais para recolher os primeiros comensais da festa. Uma risada escandalosa chamava a atenção dos organizadores do evento e o motivo da piada era a quantidade de braçadas que o negro forte daria para atravessar os padrinhos vestidos de ternos esportes finos de tonalidade areia, as madrinhas, de chemises esverdeadas e toda aquela turma de convidados. Imaginava-se o suor do pobre homem que sozinho serviria de mecanismo humano daquela balsa enfeitada. O outro cenário estava pronto e o som de Pearl Jam emocionava o padre que aguardava incansavelmente a chegada dos noivos. Ao fundo da enseada, abraçada pela mata atlântica, surgia o branco da sombrinha que dava vida ao itinerário da felicidade. Acenos de lenços brancos eram vibrados simbolizando a alegria da espera e aos poucos o leve barco trazia a noiva que deixara o público feminino especuloso. Ela vinha chegando ao som do rock, que se estendia, formado pelo blues de Etta Jones com o recurso da gaita de Hummel.

Finalmente, apresentava-se a passarela a futura esposa do alinhado rapaz alto que com sua face rosada e cabelos “buzz” chamava a atenção das jovens surfistas da escola da praia. O corredor de tapete de areia era estreito, mas não atrapalhava a entrada triunfal da figura que em passos muito lento aproximava-se do altar. O vento intermitente tentava erguer o véu que escondia o tão esperado rosto. Todos estavam ansiosos e curiosos. E ao se apresentar ao noivo, o que se viu foi Frederica, proprietária do Resort e ricaça senhora expor sua identidade de 72 anos. E foram felizes para sempre.

Samara

Em uma manhã de setembro onde flores perfumavam a vila de uniformes verdes, Samara em seu habitual ritual seguia em direção a escola que lecionava na Vila Militar-RJ. Ao saltar do ônibus e andar em direção ao seu destino, ouvia manifestações de “Psiu!” vinda de determinada direção. Lisonjeada e vaidosa, iniciava-se para a bela criatura, um dia maravilhoso. Imaginava que jovens soldados desviavam-se de seus afazeres para apreciá-la de forma não muito delicada, mas dando-lhe a certeza de que estaria chamando a atenção pela sua beleza. Diminuía seus passos e se identificava como uma musa na passarela tentando alinhar em seu caminho riscos de solados finos.

Lembrava-se de dias ruins em que não era notada nem pelo próprio namorado e sentia-se realizada em ser admirada por homens truculentos que exibiam elogios através de simbólicos beijos repetitivos. Samara impunha uma postura de mulher séria e desfilava seu encantado corpo bronzeado, coberto por cintilante vestido branco, veste não apropriada para o momento, porém adequada ao seu estado de espírito. Curiosa, ela precisava ao menos saber quem estaria por trás de tão insistentes gestos e discretamente resolveu olhar para trás e não avistou ninguém. Nenhuma criatura se manifestara e mais que insistente seus olhos foram em direção às imensas árvores e viu apenas um bando de micos atrevidos em uma sinfonia de “Psiu’s”.

“Mas a vida não é como a gente quer: entre o sonho e a realidade, existe um homem mau que resiste ao nosso desejo.”

Os Interesses do Castelo

Pingo andava em volta do palácio à procura de alimento, peregrinava pelas ruas enfrentando o frio da madrugada. Durante o dia, o calor do betume o deixava às vezes de língua de fora, mas a natureza saciava a sua sede com tempestades passageiras que enchiam lagos e valas.

Pedro era um obreiro que havia sido requisitado pela corte para reformar o castelo e certo dia encontrou Pingo em estado moribundo atravessado em seu caminho e o levou para casa. Começara então uma grande amizade, apesar do paradoxo da razão e da emoção dos dois seres. Pingo sentia-se protegido e Pedro se preocupava apenas com a obra de restauração que propusera fazer a serviço do rei.

Ao caminhar em direção ao paço para dar continuidade ao seu trabalho, percebeu que algo o seguia fielmente e deparou com aquela criatura alegre que corria em sua direção lhe pedindo para escoltá-lo. Pedro sorriu, era impossível recusar, seria desumano enxotá-lo.

Abriram-se as portas do palácio e a rainha os recebeu de forma insegura, porém aceitou a presença do companheiro. A arte era desenvolvida magnificamente e elogios eram vindos de toda a parte, entretanto, a presença do amigo fiel incomodava a rainha que andava muito ocupada pela presença de inúmeros ratos que atazanavam a cozinha. Pingo movido apenas pelo instinto movia-se pelos cantos do ambiente deixando todos curiosos. A primeira dama não resistiu todo aquele movimento irracional e logo o tratou de expulsá-lo:

- Fora daqui, suma da minha frente.

Seus gritos foram ignorados e Pingo não desistia do seu propósito:

- Pedro!

- Mandê embora este seu amigo!

- Agora!

O artesão que apenas observava, respondeu:

- Ele é um grande caçador, ele acabou com todos os ratos que tentaram invadir a minha casa.

A monarca, que estava no limite de sua tolerância, vestiu as sandálias da humildade e fez um convite:

- Fica meu cãozinho!
- Não vá!
- Mora com a gente!

Pingo tornou-se príncipe, não come mais carnes murinas, degusta das melhores rações, possui plano de saúde Dog D'or e ai daquele que tentar invadir os aposentos de sua dona: “ A Poderosa Imperatriz”.

“O homem age de acordo com seus interesses, defendendo-os com a posse e a propriedade das coisas, visando não só a dominação, mas para evitar-se que seja dominado.”

O Dia que o Futebol parou a Guerra.

Era uma determinada manhã e cerca de 20 alunos selecionados do Ciep de um bairro da Zona Oeste do Rio partiram para uma batalha diferente da cotidiana. Seria uma disputa de um torneio de futebol patrocinado pela Unidade Pacificadora Policial de uma terceira comunidade, o qual premiaria o vencedor com um exuberante troféu.

Em seu território, os alunos eram vítimas dos temores das armas infiltradas e dos chumbos cruzados, pois havia naquele local uma disputa diferente e seus endereços eram divididos entre duas comunidades rivais. O conflito era o grande desafio para a comunidade escolar: fazer com que os alunos esquecessem esta guerra e criassem uma unidade chamada “ Os Guerreirinhos do Bacê”. A escola não teria mais divisões, os alunos das comunidades não se desafiariam mais e o time estaria enfim, feito.

Seria um combate diferente e após reunirem-se com o professor orando de mãos dadas pediram a Deus proteção e êxito para a grande conquista do torneio. Rumaram à arena olímpica preparada para receber doze equipes de meninos sub-12.

Ao chegarem ao local havia um grande público ao redor do espetáculo e logo foram chamados à quadra para iniciarem o torneio em que o adversário era o time de maior torcida. Os Guerreirinhos não se intimidaram com a pressão do primeiro jogo e detonaram o adversário de maneira espetacular com uma goleada de 4 x 1, mandando para casa uma grande parte da torcida organizada do time revés. Parecera então que o caminho da conquista seria fácil, porém, o que se viu foi uma luta tremenda contra os outros adversários que compostos por violentas entradas e capciosos apitos, também não se intimidavam. A equipe do Ciep vencia a cada jogo de maneira brilhante e finalmente chegou a grande final contra o time da casa.

O artilheiro do evento estava praticamente definido, o nosso craque, o goleiro estava concentrado, mas um paradoxo mudou o rumo da história com uma infeliz expressão de um dos organizadores do evento:

- Perdeu!
- Perdeu!

Estas palavras vieram do árbitro em direção aos jogadores no momento de

definição da conquista do título e penalidades foram perdidas resultando a baixa estima do grande arqueiro que observava a última bola morrer ao fundo de sua rede. O pequeno estádio explodia de emoção, os donos da casa venceram e mais uma vez a Política e o Futebol se misturaram.

Nossos pequeninos guerreiros choravam demasiadamente sendo consolados pelo mestre que conseguiu a grande vitória de incluí-los em uma pequena sociedade, a unidade formada por alunos que esqueceram a guerra entre suas comunidades unindo-se pela mistura dos seus suores nos abraços e suas vozes em gritos de “Gol”. O professor os fazia refletir sobre a trajetória do fato, pois nunca haviam sequer treinados e mesmo improvisados tinham se tornado os verdadeiros campeões vencendo todos os obstáculos para poderem chegar a final.

No dia seguinte, de volta à rotina, a alegria era estampada nas faces daqueles pequeninos seres e busquei o passado:

“ O dia que Pelé parou a guerra”.

Gentileza Gera Gentileza

Na década de 80, eu pegava o ônibus da Linha 384, Castelo—Anchieta, em Guadalupe, e um senhor caracterizado como um profeta entrava pela porta da frente e nos olhava serenamente com uma intensa gentileza. Aquele gesto chamava a minha atenção e pessoas especulavam a possibilidade do homem ser um pobre andarilho que se tornara louco por causa de um desastre acontecido com toda a sua família, a qual foi atingida por um incêndio em um circo.

Tornou-se rotina este encontro e ele descia na rodoviária da cidade para logo após eu tornar a vê-lo escalando a parede sob o Viaduto da Perimetral escrevendo uma mensagem de conforto para toda a humanidade. Não havia imagens em seu texto, mas a caligrafia era ilustre, uma fonte peculiar que somente alguém com tanta certeza tinha o dom de transmitir frases tão sábias.

Eu não possuía o hábito de leitura, mas uma frase adentrava em minha memória eternizando-se: “Gentileza Gera Gentileza”.

Passaram-se décadas e o tempo alterou o meu comportamento, modificou a minha postura em respeito ao próximo e fez com que eu transitasse em conformidade. Eu não teria a coragem de viver escalando viadutos para parafrasear as mensagens do profeta, entretanto eu as posso intertextualizar, pois o mundo cita:

“Gentileza Gera Gentileza”

Frase que ilustra o muro de uma pequena casa no bairro de Coroadó, Carangola, Minas Gerais.

O Amigo Fiel

Um cão solitário e negra era a cor de seus pelos cansados e da sua fome.

Dentro da areia lavada ele se refugiava da noite fria e naquela madrugada ele observava meus passos e eu o ignorava pela pressa do cotidiano. Mas, alguma coisa silenciosa gritou para o meu coração apertado e não consegui dar a partida, engatar a primeira e ligar o som do meu carro porque o espelho retrovisor impediu que eu o abandonasse naquelas condições. Sua língua chorava de sede, as feridas em seu corpo cicatrizavam-se lentamente e suas pernas se arrastavam em minha direção. Não tive coragem de abandoná-lo e tratei de matar-lhe a sede e a miséria. Recebi em troca um olhar penetrante como se fosse um ser racional me gratulando.

Era agora dois animais se entendendo em uma rua deserta através de olhares e ao dar a partida e espiar o retrovisor, o cão de orelhas erguidas e rabos bamboleados dava adeus. A minha viagem era marcada pela aquela imagem inesquecível e o dia passou harmoniosamente. Ao retornar para o meu lar senti saudade do amigo que não me esperou.

O dia seguinte, na mesma rotina, ao abrir o portão, deparei com aquela criatura cansada e ao mesmo tempo feliz em me ver. Convidei-o para entrar e nunca mais o meu amigo fiel deixou de me aguardar.

Mamãe Ganguru

Uma mulher se aproxima da secretaria de uma escola municipal do Rio de Janeiro e solicita uma declaração escolar do seu filho:

- Moça, a senhora pode me dá o documento do meu filho pra eu pegá a bolsa família?

A funcionária da secretaria da escola indagou:

- Não seria uma declaração escolar para que se possa dar entrada no benefício de Bolsa Família?

- Isso mesmo, é que eu tenho outros filho em outras escola e hoje inda vou corrê atrás deste papel.

- Senhora! Qual o nome do aluno?

- Se chama Júnior.

- Júnior de quê?

- Num sei. Só sei que é Júnior desde pequenininho.

- Qual a data de nascimento do aluno para que eu possa pesquisá-lo no sistema?

- Num sei não. Ele tem 5 anos e só sei que nasceu durante a Copa do Mundo.

-Em 2010?

-Isso mesmo

A funcionária com bastante paciência continuou perguntando:

- A senhora sabe qual é a turma dele?

- Num sei não, mas a professora dele é uma loirinha bonitona.

- Ah! Já sei, deve ser a Giovana, a única professora loira da Educação Infantil.

Foi então feita uma pesquisa nos arquivos dos alunos da EI e não foi identificada nenhuma criança com o nome de Junior, porém a secretária da escola teve a perspicácia de encontrar alguns alunos com o sobrenome “Júnior” e solicitando o nome do pai, Alfredo, descobriu que o menino se chamava Alfredo Junior Pereira, nascido no dia 20 de Junho de 2010 e frequentava a Turma EI23 da Educação Infantil da professora Iracema.

E o diálogo continuou:

- Já encontramos o nome correto do seu filho e vamos providenciar a declaração escolar. Mas, eu gostaria de lhe informar que o seu filho se chama Alfredo, Junior é apenas o sobrenome dele e sua professora chama-se

Iracema, uma senhora mulata muito simpática que tem por competência o seu nome dado ao parquinho da nossa escola.

A mulher ficou calada e aguardou esperançosamente o documento desejado. Após alguns minutos, a funcionária da secretaria veio com o documento oficial assinado e entregou-o à mãe que ao se despedir da escola fez o seguinte comentário:

- Inda bem que o nosso presidente Luiz Inácio Lula da Silva criou a Bolsa Família e o churrasco do fim de semana está garantido!

“Se você for sábio, o benefício será seu; se for zombador, sofrerá as consequências”.

Uma Bela Mentira

O poeta mente, como o eu lírico de Fernando que finge que é dor a dor que deveras sente. Um conto mentiroso, tudo imaginação como o fantástico mundo de Bob, uma cena inventada de tristeza e dor que tira lágrimas da leitora solitária. Ela o aborda na calçada e confessa o choro e a quantidade de seus cachorros e gatos que foram pegos na rua e tratados, uma veracidade.

O trovador chega a casa e não encontra nada, não encontra o amor, o jardim de corações partidos, a morena, o fetiche, também não encontra a melancolia, a cachaça, a morte, o preconceito. Deita-se na rede da varanda e observa o céu repleto de nuvens que passam lentamente formando desenhos de ursinhos, carneiros e poodle. Varre o passado e recorda das palavras jogadas fora, desperdiçadas, que calcaram os que andavam na calçada e machucaram o coração de muita gente. As palavras agora são gravadas em mentes não voláteis de seres sensíveis como aquela pequena que acredita que o homem é solidário, cuida dos cães encontrados e escreve muito próximo da realidade, uma verossimilhança.

Ele acredita que diferente da mitologia, a poesia não muda, passará gerações e gerações e Maria Eduarda será sempre formosa e bela.

A musa chega e volta a inspiração, a vontade de cantar, de mentir de novo.

A Inclusão de Davi

Davi, um aluno da Classe Especial, é convidado a visitar o Centro Cultural Banco do Brasil. No percurso da viagem, ele é falador, contador de histórias. Sua imaginação é farta de episódios exóticos de quadrinhos que nos leva a pensar ser ele o próprio personagem inventado.

Para o aluno deficiente deve ser bom viver imerso em seu próprio mundo, porém há a necessidade de participar de eventos os quais existem dinâmicas de grupo que melhora o entrosamento dos indivíduos. Como participante, o carente aluno tenta se ambientar na sua forma peculiar com os demais, mas é ignorado involuntariamente por vício da nossa própria cultura.

O guia do museu inicia a sua paciente jornada e apresenta aos alunos a obra My City, uma instalação em grande escala composta por móveis, portas e janela de demolição, que carregam simbolicamente a biografia de Song Dong, cujo passado é marcado por privações econômicas e tensões psicológicas. Por fora, a construção remete a uma favela; em seu interior, um paradoxo, assemelhando-se a um palácio.

Davi observa concentradamente os lustres como se tivesse pisando pela primeira vez em um palco luminoso e varre a sala com um olhar perceptivo que o induz a encarar fixamente o guia. A arte atingiu a sua sensibilidade e o deixou apto a responder de igual para igual quaisquer que fossem as indagações:

- Vocês sabem o que representa este lugar?
- Sei. É uma favela.
- Vocês sabem de onde foram tiradas estas peças?
- Sei. Do lixo.
- E qual foi a peça que o artista chinês trouxe de seu país para o Brasil?
- Sei. É aquela ali. O célebre aluno acertava o alvo e com um sorriso espalhafatoso deixava a mensagem:

" Morava, pois, Mefibosete em erusalém, porquanto sempre comia à mesa do rei Davi, e era coxo de ambos os pés".

A Política e o Futebol

Existe uma rivalidade muito grande entre Fluminense Futebol Clube e Clube de Regatas do Flamengo há muitos anos. Um, representa a elite e o outro, o povão. É domingo de sol e estamos prontos a assistir um grande clássico, uma decisão do campeonato brasileiro que vai eleger a equipe candidata que reinará por certo tempo e fará viagens internacionais representando o seu país.

A ansiedade para a realização do evento é muito grande e o povo está eufórico para saber quem será o vencedor. Bandeiras são erguidas, gritos ouvidos por toda a parte e debates antecedem o grande espetáculo o qual a maioria da nação tem o direito de participar. O público caminha em direção ao estádio e suas cadeiras numeradas o esperam. Começa a partida e os locutores narram o feito desde o primeiro segundo da partida até o apito final. O jogo é quente, não são permitidas entradas desleais no adversário, mas os jogadores esquecem do regulamento e se enfrentam desesperadamente em prol da vitória a qualquer custo.

É dado o grito de “Gol”, que representa a vitória apertada do ilustre campeão.

Fim de papo! Uma multidão comemora enquanto a outra desdenha e confrontos são iniciados em toda parte do Brasil, quebra-quebras são contidos pela segurança nacional e por fim tudo se acalma e há a expectativa do novo dia.

O novo dia é de festa, o torcedor alienado pelos cartolas é mais uma vez ludibriado pelo poder dos empresários que patrocinam as equipes. São realizados churrascos em comemoração ao grande êxito e atletas rivais se misturam no mesmo sarau.

Passam-se alguns dias e ao se programar para a próxima temporada, o grande vencedor convida para fazer parte da comissão técnica, “O grande protagonista rival”.

“Assim é a política em nosso país.”

A Turma Sete

Liderança é uma arte, é o que a "Turma Sete" define com sua peculiaridade. A arte de um general que cria estratégia junto aos seus liderados reunindo esforços para se alcançar objetivos antes inalcançáveis.

Um grupo forte simbolizado pelo grifo em seu brasão a significar: a sabedoria da águia e a força do leão. Há entes de diversas categorias, todos aptos a desenvolver esta atividade que transforma entrada em saída, o processo de melhoria da organização.

Existe literalmente um observador do mundo, há os arquitetos repletos de ideias, os analistas de sistemas que resolvem problemas dos dados não alcançados, os administradores dos setores dos recursos, aquela dirigente do hospital que cuida do pessoal carente, os que fornecem com eficiência o serviço de assistência, as que dirigem a comunidade dos docentes e discentes, o engenheiro, ex-policial, que junto com os representantes da segurança municipal nos dá informações precisas do real funcionamento, o matemático mestre a nos auxiliar nos testes dos cálculos das matrizes, o conhecedor do mapa do povoado a nos fornecer dados verdadeiros dos primeiros moradores, o maquinista que transporta a multidão a observar a contradição da pressa dos operários versus os passos lentos da sociedade.

Enfim, peço licença para poder publicar o que me fez inspirar a grafar este texto com o pretexto de anunciar em sentido figurado, a utilizar a silepse de pessoa:

" Todos somos Líderes Cariocas"

Formados

Comemorava-se a conclusão dos cursos de Letras e História e o quintal ornamentado de mesas e flores recebia os convidados da festa. A ambiência da “cambacica” mudava seu cenário e a noite cumpria o desejado, um jantar maravilhoso idealizado pela tão orgulhosa matriarca que com sua destreza assumia a culinária. Massas e diversos molhos eram degustados ao som de Evaldo Maroto, Licenciado Professor de História. Vanessa, Licenciada Professora de Inglês, desfilava um chemise que a deixava tão linda como sua trajetória à linha de chegada.

Havia uma sintonia entre os comensais, mas um penetra especial invadiu a cozinha americana de Alice a deixando desesperada, pois voava ao redor da bancada apreciando a quantidade de néctar com seus voos rasantes.

- Querido, tira esse pássaro daqui!

-Não, deixe-o.

- Mas como pode um pássaro aqui dentro de casa?

-Amor, deixe-o.

Este pequeno diálogo silenciava o ambiente por alguns segundos e logo se via o pequeno bem-te-vi integrado ao lar. A cada retirada da cozinheira para abastecer a mesa, a cambacica pousava ao lado da pia e recolhia o precioso alimento.

Acontecia uma inversão da natureza, o pássaro ouvia o canto do artista que ao adentrar na sala conceito aberto se sentiu lisonjeado com a presença do penetra bom de bico.

- Amor, olha que coisa linda!

A festa continuou e no momento de pausa para o agradecimento, todos regociavam pela vitória dos formados batendo palmas aos céus.

Foi quando o pequeno pássaro amarelo e preto despedia-se da festa após ouvir a oração sobrevoando o seu verdadeiro habitat.

“Observai atentamente as aves” — Mateus 6:26

Jhonata Ventura

O seu nome significa "Amizade Inabalável", o seu sobrenome, "Felicidade", eis o verdadeiro herói do futebol.

Herói não é aquele que explode a nação durante a última volta do ponteiro, o Deus da Raça, herói não é o cara que traz "Tetra" sozinho nas costas, herói não é o "Crack" que cumpre a promessa de vencer o Torneio Olímpico de Futebol, herói não é o ídolo da galera que ensina o japonês a jogar futebol em troca de zeros à direita, herói não é o negro que com humildade driblou três zagueiros e deu um toque, driblou o goleiro, herói não é o goleiro que defendia os pênaltis dos artistas, herói não é a massa que transborda o estádio com gritos de guerra. Insandecidamente, herói não é o mito com mais de mil gols, herói é o defensor que encarou o fogaréu do ninho para salvar seus irmãos filhotes que sonhavam um dia voar.

Jhonata Ventura, você é "O Herói", venceu também os óbices da vida e desafiou a medicina ao recuperar seu fôlego a estar novamente em condições de fungar o cangote dos adversários.

Nos tempos modernos, sem a formalidade do classicismo, traço apenas uma pequena homenagem frente ao tamanho de sua bravura.

Obrigado, Jhonata Ventura.

Autor: Um Tricolor.

O Fusível da Sociedade

José fora designado a atender um chamado técnico em um presídio na zona oeste do Rio. A sua experiência não o tranquilizava porque jamais teria pisado em solo cativo e mesmo assim não recusou a tarefa. Às 08h00min da manhã do dia seguinte ele estava na portaria da Casa de Detenção apresentando seus documentos e passando por uma vistoria. Seus equipamentos não seriam tão necessários, pois o diagnóstico do defeito apresentado na Central Telefônica do prédio era de simples atendimento. José fora acompanhado de dois policiais e ao passar pelo corredor de acesso as celas presenciou as mais mal-encaradas faces da Terra. Os prisioneiros reunidos próximos às grades insultavam os guardas e sobravam para o técnico, ameaças e chacotas. O trabalhador perdia um pouco da concentração e mesmo assim se limitava a caminhar aparentando tranquilidade e conseguira chegar ao local em que executaria o serviço. Era uma cabine localizada no final do corredor e ao entrar não se ouvia mais nenhuma palavra, pois o som das ventoinhas que refrigerava o rack da central abafava os desacatos.

Iniciava-se o procedimento de reparo no equipamento e as mãos de José já não obedecia a sua vontade. O seu cérebro não tinha mais controle da situação e ao abrir o compartimento com sua chave de fenda, deixou-a escapar em direção ao circuito eletrônico situado no módulo de manutenção e causou uma pane elétrica em toda carceragem. Os guardas não sabiam o que fazer, pois todas as celas foram abertas automaticamente gerando um tumulto no presídio e uma perigosa ação dos detentos estava para acontecer.

Mão Branca, o mais perigoso dos detidos, começou uma grande rebelião e liderou o grupo que se apossou das armas dos policiais e os agrediram covardemente. José estava assustado na cabine e foi recrutado por um bando de esfomeados prisioneiros que o espancava.

Um filme passara na cabeça de José. As recordações de sua infância quando brincava de polícia e bandido. Lembrava-se dos conselhos de sua mãe e da fé em Deus. As imagens de um massacre sendo vistas na televisão poderia ser fatal para sua pobre esposa que vivia com uma saúde precária. O motim repercutia por todo o país e a mídia anunciava que havia reféns em

posse de bandidos audaciosos. Uma réplica do Carandiru assustava a todos e criava-se uma expectativa de um novo massacre. As autoridades tratavam de acordar com os foras da lei uma maneira de haver uma trégua em troca de prêmios e melhores condições de tratamento aos condenados. Todos os penhores estavam ansiosos e José era o único que servia de cobaia para aqueles homens revoltados que insistiam em agredi-lo impiedosamente. O pobre homem estava todo lanhado, suas pernas não se moviam mais, seus braços aparentavam fraturas e o que se via era um ser quase mutilado pela perversidade do Sistema, o verdadeiro culpado. Que culpa teria José de apanhar tanto? De ser sovado por pessoas estranhas em pleno momento de labor? De ser humilhado perante o público? O trabalhador já não tinha mais esperança de sobreviver.

O Secretário de Segurança através de uma entrevista coletiva dava satisfação à sociedade sobre a forma pacificadora de tentar a solução sem que houvesse danos ao patrimônio público e prometia a população que desta vez haveria sucesso no acordo que seria realizado com os criminosos.

A negociação para a libertação dos reféns era lenta tal quais as informações que chegavam aos familiares de José e contradizia a velocidade da circulação do fato social patológico nas redes sociais. As imagens de José eram expostas na tela a todo instante e havia quem apostasse na sobrevivência do homem que acidentalmente gerou toda esta desordem. Entretanto, após horas de ajuste, Mão Branca decidiu se entregar e centenas de policiais de operações especiais invadiram a prisão e pacificamente colocaram de volta ao cárcere todos os prisioneiros. Foi chamada uma ambulância para socorrer os feridos e o mais destacado das vítimas foi perseguido por um repórter de um grande jornal e indagou:

“ Eu só fui trocar um fusível.”

“E Deus Quer”

O voo ponte-aérea da viagem ida e volta estava previsto para as 10:00 h de uma bela terça-feira de sol do Mês das Mães. Tontonha preparava o check-in e aguardava o momento da chamada. Antes, tomara um banho morno e estava simplesmente linda. Ela recebia elogios dos tripulantes que circulavam em sua volta e assegurava-se na fortaleza de sua origem.

Anunciou-se a partida e a caminho da nave, a matriarca de tantas gerações era cumprimentada por olhares otimistas daqueles que a acompanhavam desde o saguão. A tripulação aguardava aquela passageira solitária. Os holofotes da aeronave iluminavam o interior e junto à temperatura determinavam a conformidade do ambiente. Dava-se início a pequena jornada e as habilidades das aeromoças em guiá-la até o seu assento a deixava confiante de que o percurso seria perfeito.

Os procedimentos seriam feitos corretamente e com o aval do piloto dos pilotos. A destreza do comandante era um dom de Deus e sua experiência tranquilizava os que clamavam por uma viagem tranquila, sem turbulências.

Iniciava-se a decolagem e Tontonha com o seu cinto atado obedecia as normas do provedor e dormia um sono tranquilo enquanto a equipe de tripulantes executava seus serviços brilhantemente. Havia uma grande descontração e sincronismo em seus atos que simbolizavam confiança.

Durante o repouso da amada senhora, era necessário que algo fosse corrigido para que uma pane não acontecesse e atrapalhasse outros percursos de Tontonha. A eficiência da tecnologia junto ao conhecimento do condutor somava-se a benevolência dos anjos para reparar o órgão responsável pelo valioso transporte de vida daquela sábia criatura que precisava retornar aos seus para dar continuidade ao tranco.

Quarenta minutos, foi o tempo suficiente para o restauro e a voz precisa do co-piloto emitiu a mensagem:

- Senhora passageira, aperte o cinto de segurança, pois estamos em processo de pouso e todas as condições de clima e tempo estão favoráveis a sua chegada.

Agasalhada e protegida, a preciosa idosa com os seus noventa anos de idade surpreendia a todos com o seu belo sorriso e impunha:

- Leve-me o mais rápido possível para casa.
- Estou morrendo de saudade do meu Veio.